

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

JULIANA LEMES INÁCIO

COCH/UFU
Correspondência Recebida
em 29/12/05
Batalha

**TRABALHADORES NORDESTINOS EM TAPUIRAMA:
MEMÓRIAS, TRAJETÓRIAS E VIVERES (1993-2005).**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JULHO 2005

3173 (c)
S. 9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

JULIANA LEMES INÁCIO

**TRABALHADORES NORDESTINOS EM TAPUIRAMA:
MEMÓRIAS, TRAJETÓRIAS E VIVERES (1993-2005).**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção dos títulos de Bacharel e Licenciada em História, sob orientação da Profª Dra Heloisa Helena Pacheco Cardoso.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JULHO 2005

Agradecimentos

Acima de tudo, agradeço a Deus por ajudar-me nesta caminhada.

Ao meu noivo Marilson Fagundes Lemes pela disponibilidade, incentivo, colaboração e ajuda.

Aos meus pais pelo auxílio e incentivos prestados ao longo dos meus estudos.

Aos meus irmãos e a minha sobrinha Lara pelos momentos de alegrias e descontrações que me incentivaram a nunca desistir.

A todos meus colegas e amigos que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa.

A Prof^a Dra Heloisa Helena Pacheco Cardoso por ter pensado comigo no decorrer deste trabalho. Agradeço ainda por sua orientação cuidadosa, paciente e motivadora. Pelas valiosas sugestões e pelo respeito ao momento de aprendizagem que me encontro.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida pelas dicas e sugestões não somente no momento da apresentação do seminário de pesquisa, mas também em diversas discussões ao longo da minha formação acadêmica.

Especialmente às pessoas que colaboraram com as entrevistas. Elas foram de fundamental importância para a realização deste trabalho, sem elas, ele não teria sido possível. Ao Sr. José Carlos que contribui com muitas conversas e fotografias importantes no desenvolvimento deste trabalho.

Dedicatória:

Àqueles que contribuíram para a realização deste trabalho, a meus familiares e especialmente aos entrevistados que gentilmente cederam seus depoimentos.

RESUMO

O presente texto trata do modo de vida de trabalhadores nordestinos em Tapuirama distrito de Uberlândia-MG. Discute sobre experiências vivenciadas por estas pessoas em Jacobino-BA, seu município de origem, buscando compreender através das narrativas como e porque decidiram deixar aquela região. Analiso as expectativas e os desejos que estes trabalhadores levavam consigo em contraposição à realidade que encontraram naquele distrito.

O processo de trabalho na extração de resinas em Tapuirama e o dia-a-dia no distrito também são abordados bem como práticas de lazer, como o futebol, relações de amizades e vizinhança.

Palavras-chave: Trabalhadores, nordestinos, vivencias, Tapuirama.

SUMÁRIO

Introdução.....	4
CAPÍTULO I.....	10
Trajetórias de trabalhadores nordestinos: memórias e experiências.	
CAPÍTULO II.....	27
Cotidiano do trabalho e relações de convivência	
CAPÍTULO III.....	45
Vivências e cultura de trabalhadores em Tapuیرama	
Considerações Finais.....	62
Fontes.....	64
Bibliografia.....	66
Anexos.....	70

Introdução

O presente trabalho de monografia analisa o modo de vida, experiências e cultura de trabalhadores nordestinos na extração de resinas no distrito de Tapuirama¹, Uberlândia/MG. Aborda ainda os motivos pelos quais um número considerável de pessoas se deslocam da região de Jacobina/BA para Tapuirama, suas condições de trabalho no distrito e as maneiras como reelaboram sua cultura naquele local. Enfatizando embates e conflitos vivenciados por estes trabalhadores, seja em momentos que tiveram que fazer escolhas, seja no dia-a-dia, a pesquisa procurou compreender a organização que estas pessoas dão às suas vidas com base no significado e na importância que elas atribuem ao trabalho.

O projeto elaborado propunha discutir o trabalho em Tapuirama de forma mais ampla: o comércio local, trabalho na resina, os serviços em lavouras e fazendas da região, enfim, o trabalho fora do âmbito da resina. Pretendia compreender também o tipo de relação estabelecida por estes moradores com a cidade de Uberlândia, no que diz respeito a saúde, educação, trabalho e lazer. No decorrer da pesquisa, a presença significativa de pessoas nordestinas vivendo naquela localidade, em função do trabalho na extração de resina, despertou em mim um interesse maior. Houve um afunilamento nesta temática. Compreender porque aquelas pessoas se deslocam da Bahia, quais expectativas traziam consigo e como se estabeleceram naquele lugar, que para eles era tão diferente, tomaram-se problemáticas de pesquisa, o que redirecionou o tema e seus objetivos. Agora, ela discute o modo de vida e cultura dos trabalhadores de Tapuirama com base nas relações de trabalho na resina, considerando a participação de nordestinos nesta atividade.

O interesse por este tema, mesmo que nos moldes anteriores do projeto, surgiu por experiência que eu pude vivenciar naquele distrito, já que vivi lá até os dezoito anos de idade. Assim, inquietações pessoais, como o desejo de compreender como e porque tantos

¹ O município de Uberlândia possui quatro distritos: Tapuirama, Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia e Miraporanga. Tapuirama localiza-se a 45km de Uberlândia MG, na rodovia br452 sentido de Nova Ponte. Lá, o trabalho é predominantemente agrário, sendo exercido na maioria das vezes no campo em atividades ligadas diretamente com a natureza onde os trabalhadores desempenham serviço braçal. Segundo censo, realizado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia em 2000, a população urbana do distrito era de 1.596 pessoas e a população rural 2.126, num total de 3.722 habitantes. A região de Tapuirama é conhecida desde 1819 (segundo histórico que consta na Prefeitura Municipal de Uberlândia realizado com base no trabalho do professor Jerônimo Arantes), por exploradores que iam para Goiás. Recebeu primeiramente o nome Rocinha por se localizar próximo a um ribeirão de mesmo nome. As primeiras casas começaram a ser construídas por volta de 1933, quando foi construída a igreja Nossa Senhora da Abadia.

trabalhadores nordestinos se deslocaram para Tapuirama, um lugar tão pequeno, em busca de trabalho, foram ganhando contornos mais críticos. Juntamente com discussões acadêmicas desenvolvidas ao longo do curso de História, sobretudo a partir de referências bibliográficas sobre trabalho e movimentos sociais, tais inquietações foram se moldando até atingirem o ponto de se tornarem uma grande problemática que, no meu ponto de vista, era possível a um estudo mais elaborado.

A grande maioria destes trabalhadores são empregados da JPL Resinas (Jurandir Proença Lopes Resinas). A JPL Resinas atua como produtora rural no distrito deste 1993, quando iniciou a atividade de extração de resinas naquela região e possui três frentes de trabalho, para onde os trabalhadores se deslocam: A Floresta do Lobo, onde arrenda a floresta da Pinus Plan, empresa de reflorestamento; a Satpel que se localiza próximo ao município de Indianópolis e a fazenda Marajoara, no município de Uberaba.

Para a realização da pesquisa, utilizei fontes orais, fotografias, mapas e observações. Os depoimentos orais contribuíram enormemente para o desenvolvimento deste trabalho. Eles me possibilitaram compreender o que há de mais significativo para aqueles trabalhadores, no que diz respeito a trabalho e moradia, e sobre a vida dos nordestinos na Bahia, pois *“ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto de vista”*, como propõe Yara Aun Koury².

Realizei entrevistas com pessoas de perfis diferentes. Por meio destes depoimentos foi possível perceber valores e significados diversificados, o que enriqueceu o trabalho por apresentar diferentes visões daquilo que vivenciam. O Sr. Jaílton Pereira Costa (o Siri), o Sr. Adonel Ventura Lima (o Índio), o Sr. Samuel de Jesus Silva e Sr. Hermes foram os entrevistados. Também realizei muitas conversas informais com o Sr. José Carlos que não foram gravadas, mas que contribuíram muito no desenvolvimento da pesquisa. O Sr. José Carlos está em Tapuirama, juntamente com sua família, há 7 anos, onde trabalha com extração de resinas.

Conversando como o Sr. Jaílton pude ter noção de como era, ou é, a vida de uma pessoa que trabalhava em pedreiras no município de Jacobina/Ba. Seu depoimento também aborda como se deu sua chegada e os primeiros relacionamentos estabelecidos em

² KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes e outros (orgs). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2004.

Tapuirama. O Sr. Adonel me concedeu um depoimento riquíssimo sobre as oportunidades de trabalho oferecidas naquela região da Bahia e sobre o que representou para ele as oportunidades de emprego ora encontradas no distrito. Em algumas de suas falas, é possível explorar as maneiras como memórias se fazem e se refazem o que contribui no lidar com as mudanças e as expectativas vivenciadas no cotidiano destes trabalhadores.

Dos trabalhadores entrevistados o Sr. Samuel é o mais jovem. Seu depoimento trouxe informações de experiências vivenciadas em outras cidades em busca de trabalho. Ele viveu um ano em Ribeirão Preto/SP, empregado em lavouras de laranjas, e partiu em busca de novas oportunidades quando o grupo com o qual se relacionava se desfez. O depoimento contribuiu também no entendimento dos relacionamentos constituídos entre aquelas pessoas e sobre as dimensões dos laços de amizade firmados entre eles.

Dentre os entrevistados, o Sr. Hermes é o único trabalhador não-nordestino, apesar dele não ter nascido em Tapuirama, é lá que ele sempre morou. Por meio de suas falas, questões importantes como o valor da educação e do trabalho puderam ser discutidas.

Ao lidar com as entrevistas, discussões sobre memória foram incorporadas ao trabalho, pois, através delas foi possível conhecer os significados das experiências vivenciadas pelos narradores. Pelo movimento da memória apreendemos as transformações e as (re) significações elaboradas pelos sujeitos:

*“Ao narrar, as pessoas estão sempre fazendo referências ao passado e projetando imagens, numa relação imbricada com a consciência de si mesmo, ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social. Associando e organizando os fatos no espaço e no tempo, dentro dos padrões de sua própria cultura e historicidade, cada pessoa vai dando sentido à experiência vivida e a si mesma nela”.*³

Ao contar sobre suas vivências os entrevistados fazem escolhas e análises e, através dessas elaborações, explicitam dimensões de sua existência enquanto sujeitos sociais e concepções formuladas por eles mesmos a respeito de sua trajetória, quando escolhem contar sobre os episódios que são mais significativo ou sobre o que está mais presente em suas

³ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes e outros (orgs). Op. Cit. , p131.

lembranças. É à luz das experiências que vivenciam no presente que recorrem à memória: é por este motivo que, ao recorrer a ela, os depoentes são capazes de reelaborá-las.

Partindo do presente, os depoentes recorrem ao passado deixando marcado nas entrevistas o que lá havia de importante para eles. É entendendo este movimento presente-passado, existente nas suas falas, que os direcionamentos da pesquisa foram apontados. Procurando entender o que é mais significativo na memória dos moradores, pude esclarecer para mim mesmo os caminhos por onde pesquisar. A pesquisa é sem dúvida traçada pelo historiador, porém, nesta situação, onde ela é apoiada basicamente em depoimentos orais e memórias, é o que aparece como mais importante nas falas dos trabalhadores que direciona a pesquisa, ou seja, o foco principal que cada um dá à narrativa.

O foco dado por cada um em suas narrativas por vezes fez com que eu repensasse meus caminhos de reflexão. A partir disso, novos questionamentos apareceram, porém, somente alguns puderam ser discutidos. Devido ao curto tempo para a pesquisa, algumas questões não puderam ser abordadas e o foram sem esgotar possibilidades abertas no diálogo com as fontes.

Antes de gravar as entrevistas (e também depois) pude ter conversas informais com todos os entrevistados. Acredito que esta é uma forma do pesquisador se aproximar do ambiente e das pessoas que pretende entrevistar para que, no momento da entrevista, o depoente se sinta mais a vontade para narrar. Na relação dialógica construída entre entrevistador e entrevistado podemos melhor apreender os significados presentes na narrativa dos depoentes. Algumas idéias concebidas antes do início da pesquisa foram então desmontadas e outras afirmadas, dando a ela um novo rumo.

Antes de iniciar a pesquisa, o fato dos trabalhadores nordestinos trabalharem muito e serem vistos por algumas pessoas em Tapuirama como bademeiros e preguiçosos me incomodava bastante. Eu queria entender como aquelas pessoas que, segundo o meu olhar, se encontravam entre as que mais trabalhavam naquele distrito (no sentido terem dias e horários fixos para o trabalho) poderiam ser taxadas daquela forma. Foi por meio de conversas informais, observações e entrevistas, que pude perceber que este tipo de conflito acontecia na convivência entre pessoas de culturas e costumes diferentes, sendo este aspecto o mais relevante. Saber se os nordestinos são bademeiros, preguiçosos ou trabalhadores não é o

objetivo dessa pesquisa, pois entendo que mesmo no seu grupo, formado por afinidades e traços comuns, não há uma homogeneidade, as pessoas também agem individualmente.

A utilização de fotografias contribuiu para abrir novas possibilidades no trabalho. Faço uso de fotografias feitas por mim mesma em visita à Floresta do Lobo, fazenda onde a maioria dos trabalhadores atua, e por outras emprestadas pelo Sr. José Carlos, que é um dos nordestinos que está trabalhando há mais tempo em Tapuیرama (há mais ou menos 7 anos). Utilizo as fotografias também na discussão sobre moradia, com a intenção de compreender como é para eles viver nos alojamentos. Mais que ilustração, as fotografias nos dão idéia de como é, para os trabalhadores, o viver e o conviver naqueles espaços. Ao lidar com fotografias as vejo como importantes fontes onde é possível perceber o comportamento das pessoas, seja em casa ou no trabalho. Conforme Ana Maria de Niemeyer⁴, o conjunto de fotografias que o pesquisador escolhe reflete o modo como ele percebe o seu sujeito de estudo. Quando fiz as fotos, ou peguei emprestadas, estava na verdade fazendo escolhas que são minhas, nelas aparecem situações que julguei relevantes de acordo com as propostas que também eram minhas. Da mesma forma, quando as pessoas se deixam fotografar elas escolhem uma situação e uma maneira como querem ser retratadas, deixando transparecer aquilo que vivem, que pensam e o que consideram importante.

A utilização de alguns mapas foi pensada no sentido de situar o leitor com relação à localização de alguns lugares referenciados pelos trabalhadores nordestinos e demais moradores de Tapuیرama. Podemos localizar no mapa onde está situada a cidade de Uberlândia, seus distritos e a dimensão do município. Visualizamos a distância geográfica entre Tapuیرama e a Floresta do Lobo, principal fazenda onde seus moradores trabalham; localizamos no mapa urbano do distrito a localização das “vilas dos baianos”, onde residem a maioria dos nordestinos e também o local das construções de casas populares realizadas por um projeto de moradia da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Este tipo de localização feita com o uso de mapas evidencia a distância percorrida diariamente pelos trabalhadores até chegar ao local de trabalho, que pode ser discutida sendo relacionada às condições de trabalho na resinagem. Pode nos mostrar também a separação, em termos de espaço, entre os nordestinos e os mineiros daquele distrito. Por este motivo,

⁴ NIEMEYER, Ana Maria de. Um outro retrato, imagens de migrantes favelados, In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Mirian L. Moreira (orgs). *Desafios da imagem; Fotografias, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas/SP: Papirus, 1998, pp 228.

aqui esta documentação é utilizada para além de simples localização geográfica, mas sem deixar de considerar a importância desta.

Aliada a estas fontes, minha observação enquanto pesquisadora se faz presente em todo o desenvolvimento deste trabalho. Para que eu pudesse compreender os significados presentes em cada depoimento, tornou-se necessário conhecer, visitar, me relacionar minimamente com aquelas pessoas e, sobretudo observar. Em contato - mesmo que não muito intenso - com os trabalhadores, pude estar a par de situações e acontecimentos comuns e perceptíveis àquele grupo e que foram relatados nas entrevistas.

Para atingir o objetivo da pesquisa e para facilitar o seu desenvolvimento e compreensão, a monografia está dividida em três capítulos: O capítulo I recebeu o título de *Trajetórias de Trabalhadores Nordestinos: memórias e experiências*. Nele busco investigar o como e os “porquês” da saída daquelas pessoas de seu lugar de origem, tratando, também das expectativas levadas com ele. Através das falas dos entrevistados, no momento em que eles recorrem à memória, investigo um pouco do que era o viver daqueles trabalhadores no nordeste, as condições de trabalho e as situações vivenciadas abordando, ainda os impactos experimentados ao chegarem em Tapuirama.

No capítulo II, intitulado *O cotidiano do trabalho e as relações de convivência*, apresento as condições de trabalho na resina, os deslocamentos diários para o trabalho e educação. O terceiro e último capítulo: *Vivências e Cultura de Trabalhadores em Tapuirama* procura discutir o viver destes trabalhadores fora do âmbito do trabalho. Ele aborda relações de vizinhança e de convivência de nordestinos e não-nordestinos, práticas de lazer e reelaborações da sua cultura e das suas vivências.

Capítulo I

Trajetórias de trabalhadores nordestinos: Memórias e experiências.

A JPL Resinas é a empresa que emprega maior número de trabalhadores no Distrito de Tapuیرama. Entre estes trabalhadores estão aqueles que sempre viveram em Tapuیرama e pessoas que vieram do estado da Bahia, a maioria destas do município de Jacobina (Ba).

Estar em Tapuیرama para a maioria destes trabalhadores vindos da Bahia significa oportunidades de mudar de vida:

“Ah! Mudança de vivência, mudô mais porquê... a gente tem serviço todo dia. Se você num quiser ir trabalhá, você num vai, mais que serviço num falta, né? E lá (na Bahia) muitas vez a gente passava aperto porque num tinha um serviço pra trabalhá e quando você acha serviço é muito baratinho. Hoje, hoje na época de hoje, há um dia de serviço de deis conto, tem que vê qual é o serviço. Tem que ser quebrar pedra, cortá poste. Trabaio pesado, machado, foice, pra você arranjar um dia de deis conto, e olhe lá heim?... Lá é difícil (pausa). E aqui não, aqui se for por acaso eu perder esse serviço da resina, eu não fico parado.”⁵

Estes trabalhadores nordestinos saem de sua região de origem com a expectativa de melhorar financeiramente e ter uma outra vida, garantir os bens necessários a sua sobrevivência e de seus familiares e fugir das condições limitadas daquela região. Deixam sua região de origem na expectativa de conseguir reelaborar seu viver (ou elaborar um novo viver) que lhes ofereça novas oportunidades.

Buscam em Tapuیرama, sobretudo, novas oportunidades de trabalho, pois segundo nossos entrevistados há poucas oportunidades de trabalho em Jacobina, principalmente no período da seca. Lá, aqueles que possuem terreno trabalham nas suas próprias lavouras no período da chuva, criam animais, vendem produtos caseiros. Muitos daqueles que não possuem terreno trabalham quebrando pedra em pedreiras da região ou na construção civil como pedreiro.

⁵ Sr Adonel Ventura Lima (conhecido como Índio), casado, 54 anos. Está há 8 anos em Tapuیرama. Entrevistado em 31/10/04.

A escassez de trabalho nessa região é vista pelos próprios trabalhadores como fator agravante para suas condições de vida. A partir do momento que estes trabalhadores não têm condições financeiras para suprir suas necessidades e a dos seus familiares, devido à falta de oportunidades, passa a ocorrer, então, uma pauperização no seus modos de vida. Com as más condições financeiras e o baixo poder aquisitivo, bens necessários à sobrevivência deixam de estar assegurados, tais como: alimentação, vestuário, moradia, saúde, educação. Como nos disse o Sr Adonel, *“a gente passava aperto porque num tinha serviço e quando você acha é baratinho”*.

A maioria destes trabalhadores de Tapuirama vindos da Bahia eram pequenos agricultores e possuíam pequenas propriedades onde trabalhavam para seu sustento. Geralmente essas propriedades eram pequenas, o trabalho feito em família e sem muita frequência. Os lucros obtidos com sua produção em geral eram insuficientes para suprir as necessidades pessoais nos períodos de entressafra e de seca. A agricultura desenvolvida é voltada para subsistência. Nestes períodos, o trabalho é escasso na região e os trabalhadores chegam a ficar muitos dias sem trabalhar.

Em Jacobina, é comum o cultivo principalmente de feijão, mandioca e mamona, entre outros. Estas plantações, mesmo que pequenas, oferecem a estes trabalhadores um ciclo de trabalho que existe basicamente enquanto há chuva. Quando perguntado sobre as condições de trabalho na Bahia, o sr Adonel recorre a sua memória e lembra as experiências vivenciadas no nordeste:

“Não, lá é ruim pra emprego. Tem o emprego lá é só no tempo da safra: ranca de feijão, planta, capina. Passou daí cabo, entrou o verão aí tem que cair fora pra outro lugar.(...) Pra prantá mesmo num tem mais futuro, lá ficou muito ruim de chuva”.⁶

O próprio agricultor planta, capina e colhe, porque não há lucro suficiente para pagar outro trabalhador para auxiliá-lo nestas tarefas. Segundo o Sr Adonel, *“Ali é pra você, cê num vai paga um... um trabaiaador, se você pagar já aperta, cê vai fazer é ocê mesmo”*. Muitas vezes ocorre desse trabalho ser realizado por toda a família. As esposas e os filhos desses

⁶ Sr Adonel Ventura Lima. Entrevistado em 31/10/04.

trabalhadores o acompanham no trabalho da roça, evitando assim a contratação de mão-de-obra fora do circuito familiar.

Ao final deste ciclo, estes trabalhadores são levados a criar alternativas de trabalho para sobreviverem. A cultura, aqui entendida “*como a maneira pela qual os homens desenvolvem suas práticas sociais, refletindo seus modos de viver, trabalhar, morar, lutar, morrer, divertir-se, etc*”⁷, permite a estes trabalhadores aprendizado, criação de estratégias de sobrevivências e novas maneiras de trabalho:

*“Nóis lá, a gente plantava ... mandioca assim pá ... gente fazê farinha, essas coisa assim. Nóis criava, bode (...) Ai continuava assim: vendendo coisa, plantava mais, fazia farinha vendia, vendia bode”*⁸.

Estes sujeitos desenvolvem meios que lhes garantem sua sobrevivência de acordo com o que lhes é possível a partir do que pode ser feito em casa e vendido na região. Criam animais domésticos para venda, plantam o que lhes é necessário, fabricam e vendem produtos como a farinha, entre outros.

Nessa região, também é comum o trabalho em pedreiras. Foi nele que o sr Jailton Pereira Costa, o Siri, se empregou e conseguiu sobreviver na Bahia:

“Lá eu trabalhava com pedra. A gente fazia assim, óh? Um para... chama paralelo, né? Paralelo laje, paralelo, mei-fio, mei mundo de ... de coisa a gente fazia com pedra”.⁹

O trabalho em pedreiras é um serviço pesado e cansativo, porém, para muitos este é o único lugar onde poderiam encontrar emprego, era o único que muitos sabiam fazer. Estes trabalhadores não tinham muitas oportunidades de emprego e, por este motivo, se viam muitas vezes trabalhando em serviços pesados, como este, para conseguirem sustentar a si e sua família.

⁷ ALMEIDA, Paulo Roberto de. Cultura e trabalho: os círculos operários católicos entre as práticas de assistência e controle. In: MACHADO, Maria C.T, PATRIOTA, Rosângela (orgs). *Histórias e historigrafias: perspectivas de investigação*. Uberlândia: EDUFU, 2003.

⁸ Samuel de Jesus Silva, solteiro, 21 anos. Está há 2 anos e 5 meses em Tapuirama. Entrevistado em 20/11/2004.

⁹ Sr Jailton Pereira Costa, casado, 29 anos. Está em Tapuirama a 4 anos. Entrevistado em 17/10/2004.

Marina de Souza Santos¹⁰, que pesquisou sobre trajetórias de nordestinos, discute em sua dissertação a necessidade de se compreender a existência de “diferentes nordestes”. Ela percebeu, na fala dos seus entrevistados, que naquela região não há somente seca e pobreza. Seus depoentes fazem questão de evidenciar que em algumas partes do Nordeste há chuva, querendo dizer, com isso, que naquela região também é possível trabalhar e produzir. Os depoentes constantemente mencionam memórias relacionadas às suas propriedades ou bens materiais, sem serem questionados diretamente sobre este assunto. Dessa maneira, estão afirmando que existem realidades diferentes no nordeste, e que eles não eram miseráveis, ou seja, no nordeste não existe só pobreza. Durante as entrevistas sempre retomam a idéia de que eram donos da terra afirmando, assim, outra realidade vivida naquela região.

Santos busca analisar, também os diversos motivos que impulsionaram aqueles nordestinos a se deslocarem para Dourados-MS. A partir de um conjunto de diferenciados motivos que influenciaram na migração daquelas pessoas, ela afirma que a precariedade vivida no nordeste não é a causa única influenciadora neste processo, já que o nordeste não é constituído somente de miséria. As pessoas migram também por influencia de agenciadores; porque já possuíam algum familiar morando no lugar de destino; porque querem encontrar novas oportunidades e melhores empregos, ou simplesmente porque desejavam melhorar ainda mais de vida.

Ao chamar atenção sobre como os nordestinos vêem o nordeste e seu viver naquela região, a autora nos leva a refletir sobre qual postura eles querem ser vistos: como sujeitos pertencentes à realidade e sobre os significados que atribuem ao seu modo de viver no nordeste. Identificar diferentes realidades sociais e geográficas (pois lá não há somente seca), contribui para desconstruir idéias homogêneas sobre aquela região, fazendo emergir possibilidades que podem ser vivenciadas pelas pessoas na região nordeste como um todo.

Diante dessas discussões, mencionar o posicionamento dos trabalhadores nordestinos, que se deslocam para Tapuírama, se faz importante na tentativa de apreender como eles compreendem os motivos que os impulsionaram a deixar sua região de origem e também o que ela representa. As difíceis condições vivenciadas, tais como escassez de

¹⁰ SANTOS, Marina de Souza. *Memórias, trajetórias e viveres: a experiência de ser nordestino(a) em Dourado-MS (1940-2002)*. Dissertação de mestrado, Uberlândia, UFU, 2003.

trabalho e a seca em algumas regiões, são alguns dos fatores que influenciam nas mudanças. Porém, cada trabalhador atribui um significado diferente a isso, de acordo com as diferentes entrevistas que realizei. O Sr. Adonel deixa sua região de origem na expectativa de melhorar ainda mais de vida, porque ele enfatiza que possuía terras na Bahia, porém, se deslocou em busca de algo mais. O Sr. Jailton se mudou para Tapuirama influenciado por possuir parentes que já moravam ali e por motivos pessoais. Quando sua esposa ficou grávida, ele decidiu buscar um caminho para melhorar as condições de vida, a responsabilidade de educar e cuidar de uma criança, aliado ao desejo de que ela não passasse por sofrimentos que ele passou naquela região, é o significado atribuído à sua vinda para o sudeste. Sr. Samuel se deslocou para Tapuirama por ter um irmão e muitos amigos que já trabalhavam lá. O fato de não querer depender de sua mãe para conseguir viver na Bahia, mesmo que eles possuíssem uma casa e propriedade, o levou a se mudar, mas ele também leva em conta as possibilidades que poderia vivenciar em outros lugares.

Em visita à casa do Sr. José Carlos, ele mencionou um pouco de como ele vê a região nordeste, especialmente a região do município de Jacobina. Ao revirar fotografias suas para contar um pouco de sua trajetória desde a Bahia até Tapuirama, ele encontrou a foto reproduzida abaixo (foto 01) e, sem ser questionado sobre a seca, ele disse que essa foto serve para mostrar que no nordeste não existe só seca, mas há também paisagens naturais muito bonitas e que o verde que aparece na foto evidencia isso, em contraposição à idéia de uma região feia e seca.

Foto 01: Pedreira no município de Jacobina/BA.



Arq: Sr. José Carlos, s.d.

Essa foto apresenta alguns elementos interessantes a serem discutidos. Ela mostra uma pedreira no município de Jacobina, onde podemos imaginar as condições de trabalho neste tipo de serviço: serviço pesado feito sob o sol quente. Vale observar, também, a presença de uma rodovia, (aparentemente em bom estado de conservação na ocasião em que foi feita a foto. Rodovias que nos tempos de hoje ainda são sinônimos de progresso principalmente nos discursos políticos), dividindo espaço com aquelas difíceis condições de trabalho. Parece que a pessoa que fez a fotografia planejou justamente retratar a pedreira, o verde da natureza e a rodovia. Apesar dessa foto pertencer ao Sr. José Carlos, ele afirma que nunca chegou a trabalhar em nenhuma pedreira, ao contrário de outros trabalhadores, como vimos anteriormente.

Temos conhecimento da realidade vivida por muitos brasileiros na região nordeste do país: más condições de vida, desemprego, seca e miséria entre outros. Porém, acredito que não é o lugar onde as pessoas vivem que determina a exclusão social e a pobreza e, sim, as condições sociais do país em que vivemos.¹¹ Verificamos que mesmo que haja oportunidade de um emprego melhor naquela região, não são todos os que têm acesso a este. Nessa situação, o sujeito que foi privado da oportunidade de estudar não tem muitas opções para escolher um emprego. Este fato se agrava na medida em que sabemos que aquela região não possui muitas oportunidades de trabalho devido á uma serie de fatores econômicos e sociais¹² :

“Não. De tê (trabalho), tinha muito, mais eu, pra eu mesmo que estudo num é lá essas coisona, eu digo, eu tinha mesmo que chegá e, e pra tentá naquele mesmo, que era o único mesmo pra mim, era o mais fácil que eu tinha, que eu sabia também,né?”¹³

Acreditamos que as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia destes trabalhadores na Bahia influenciam estes sujeitos a buscarem um novo caminho e a dar um novo rumo às suas vidas. Porém, aquele grupo que se desloca para Tapuïrama não é um grupo homogêneo. Além dessas

¹¹ Sobre exclusão social ver reflexões em: **BATISTA**, Sheille Soares de Freitas. *Buscando a cidade e construindo viveres. Relações entre campo e cidade*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia. UFU,2003

¹² Neste trabalho não é nosso objeto discutir os problemas socioeconômicos daquela região.

¹³ Sr Jailton Pereira Costa. Entrevistado em 17/10/04.

dificuldades, motivos diversificados e específicos de cada um, influenciaram nessa mudança. O fato de ter familiares que já trabalhavam no distrito, ou o simples desejo de buscar algo mais do que podiam ter na Bahia, também são motivos importantes.

Em conversas informais, Sr Jailton menciona de forma espontânea, (pois não foi questionado diretamente sobre este assunto), deficiências no setor de saúde daquela região da Bahia. Ele nos conta que sua filha teve um problema de saúde grave e que pôde ser tratado na cidade de Uberlândia¹⁴. Sua filha nasceu com uma deficiência “no céu da boca” e precisava fazer uma cirurgia como forma de tratamento. Segundo ele, este problema seria difícil de ser tratado na Bahia, por falta de vagas em hospitais e falta de medicamentos.

Em Tapuirama, estes trabalhadores buscam reelaborar suas vidas: almejam um trabalho estável, que possa lhes oferecer garantia e segurança, e que no final do mês tenham seus salários assegurados, para que possam, então, garantir sua sobrevivência, bem estar e um pouco de conforto. Estas pessoas vislumbram Tapuirama como o lugar onde seus direitos sociais estão sendo minimamente respeitados: direito ao trabalho, moradia, saúde, educação, aquisição e consumo de bens materiais.

Tenho clareza de que não podemos cair no discurso de exaltação à coragem e determinação desses trabalhadores¹⁵, e não adoto esta postura. Acredito, também, que não são somente as más condições vividas no dia-a-dia na Bahia que fizeram com que estas pessoas almejassem uma nova vida em Tapuirama. As condições precárias que enfrentavam neste lugar influenciaram a mudança destes trabalhadores mas não a impôs. Pobreza, miséria e desemprego delimitam as ações dessas pessoas, mas a mudança geográfica não as elimina ou os dirige em um só sentido¹⁶. Estes sujeitos, que conforme Almeida¹⁷ “*se identificam enquanto sujeitos coletivos, com valores e interesses comuns*”, experimentam seu cotidiano e decidem

¹⁴ Os moradores de Tapuirama utilizam o sistema de saúde da cidade de Uberlândia, principalmente o Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia.

¹⁵ Sergio Paulo apresenta esta discussão em sua dissertação ao refletir sobre nosso comprometimento, enquanto historiadores e sujeitos sociais, em sairmos em busca desses trabalhadores, de suas memórias e de suas histórias. Ver: MORAIS, Sérgio Paulo. *Trabalho e cidade, trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia 1970/2000*. Dissertação de mestrado, Uberlândia. UFU, 2001.

¹⁶ Pertuba apresenta discussão sobre a lógica de desenvolvimento e expansão do capitalismo e as ações dos sujeitos nesta estrutura. Ver: PETUBA, Rosângela M. Silva. *Pelo direito a cidade: Experiência e luta dos trabalhadores ocupantes de terra do bairro Dom Almir- Uberlândia 1990-2000*. Dissertação de mestrado, Uberlândia. UFU, 2001.

¹⁷ ALMEIDA, Antônio de. Os trabalhadores e seus espaços: Cultura, experiência e cotidiano nos estudos históricos sobre identidade coletiva. In: MACHADO, Maria C. Tomáz e PATRIOTA, Rosângela (orgs). *Política, Cultura e movimentos sociais: contemporaneidades historiográficas. Programa de Mestrado em História UFU. Uberlândia/MG: Edufu, 2001.*

seus próprios caminhos de maneira consciente, na medida que contrapõem suas expectativas de vida às suas possibilidades reais.

Por este motivo, não podemos afirmar que estes trabalhadores são “levados” pelas péssimas condições de vida a buscar Tapuira ou qualquer outro lugar para viver e trabalhar. A decisão que tomam de se mudar e buscar novas oportunidades de trabalho é uma decisão consciente. Estas pessoas escolhem se mudar de cidade, assim como escolhem ir em busca de melhores condições de vida:

“É porque... se eu passasse lá pã Bahia, assim, ia continuar... aquele mesmo serviço, né? Já eu, num gosto de ficar assim, comu é?... Assim, sem trabalho assim pra num ganhá dinheiro, né? Aí, eu fiquei logo aqui(em Tapuira).”¹⁸

Segundo Samuel, ele poderia ter escolhido continuar morando em Jacobina e trabalhar no terreno que sua mãe possui, assim como muitos trabalhadores que optaram por não se mudar da região. Mas, na análise que ele faz não seria vantajoso permanecer na Bahia. Não quer permanecer sem trabalhar e sem ganhar dinheiro e é este sentimento que o impulsionou a buscar uma vida melhor em outros lugares, e não somente as péssimas condições de vida na Bahia.¹⁹

Estes sujeitos sociais têm consciência que possuem o direito e a capacidade de tentar mudar de vida. Essas mudanças, onde buscam outros espaços, são uma das maneiras de ação destes sujeitos na sociedade e a criação de estratégias de sobrevivência é uma das formas de reação às más condições vividas antes na Bahia. Entendo estas estratégias de sobrevivência como reação à precariedade, porque acredito que formas de reação nem sempre se expressam somente por agitação popular, elas podem estar inclusive no cotidiano das pessoas, contidas em mudanças ou permanências, acordos ou desacordos.

Dessa forma podemos evidenciar embates e disputas destes sujeitos em busca de seus direitos sociais, de trabalho e lugar para viver. Muitas relações de conflito se deram desde quando, na Bahia, decidiram se deslocar em busca de novas oportunidades até o momento de sua permanência em outros lugares. Relações de conflitos entendidas aqui como condições de

¹⁸ Sr Samuel de Jesus Silva. Entrevistado em 20/11/04.

¹⁹ Nessa situação, “péssimas condições de vida” se confunde, sobretudo, com falta de oportunidade de trabalho e qual a frequência deste. Muitos trabalhadores possuíam seus terrenos e suas casas, porém, não havia possibilidade de se trabalhar nestas propriedades.

vida e de trabalho pelas quais lutam, ou seja, os conflitos do dia a dia e no viver daqueles trabalhadores.

Tapuirama é apenas um dos destinos de nordestinos. Realizamos entrevistas com dois trabalhadores, Sr Adonel e Samuel, que tiveram experiência de trabalhar em outras atividades em diferentes cidades antes de decidirem se mudar para Tapuirama e lá permanecerem:

“Não, foi através de um pessoal lá que chega lá cassano gente pra ir trabalhá, né? Ai foi o quê? Foi, foi doze baiano de lá (Jacobina), ai eu fui junto com eles (para Ribeirão Preto(SP)). Ai viero embora deiz, ai só ficou eu mais um... um primo meu,nê? Ai nós pediu conta lá, e eu falei: eu vô se embora. Ai eu pequei, liguei pá meu irmão Klebson (...) ai ele falou: –Não Samuel, fica aqui (em Tapuirama) mais eu i aqui! Ai cheguei na rodoviária,Fiquei logo aqui.”²⁰

Esta fala de Samuel apresenta indícios que nos ajudam a pensar mais sobre a participação destes sujeitos na sociedade, a forma como reagem às dificuldades vividas, disputam seus direitos enquanto cidadãos e como se sentem inseridos na realidade social.

Samuel viveu um ano em Ribeirão Preto, lá trabalhava nas lavouras de laranja e a principal atividade era a colheita. A possibilidade de se deslocar para trabalhar em Ribeirão Preto surgiu por meio de agenciadores. Segundo Samuel nos conta, é comum naquela região da Bahia a visita de agenciadores em busca de mão de obra para as mais diversificadas atividades, principalmente aquelas onde o serviço é braçal, tal como o trabalho em lavouras ou em construções.

Gostaria de destacar aqui a importância desses agenciadores no mundo do trabalho no Brasil, porém, não será nosso objetivo, nesse presente texto, discutir mais profundamente as relações desses personagens naquela região da Bahia.Os agenciadores influenciam muitos a procurarem outra cidade para viver e trabalhar. Samuel fez a opção de deixar Jacobina porque tinha o desejo de tentar uma vida melhor, ter oportunidade de trabalho, ganhar dinheiro e ajudar sua mãe que ficara na Bahia. Ele não veio somente pelo convite de agenciadores.

Samuel decide sair de Ribeirão Preto quando dez, das doze pessoas do grupo que ele acompanhava, deixaram a cidade e retornaram para a Bahia ou tomaram outro rumo. No

²⁰ Samuel de Jesus Silva. Entrevistado em 20/11/04.

momento em que fica em Ribeirão Preto somente com um primo seu, decide “pedir conta”, procurar outras oportunidades de vida em outro lugar.²¹

O grupo de doze pessoas que esteve com Samuel em Ribeirão Preto formava um ponto de referência para ele: possuíam as mesmas expectativas, anseios e preocupações. O contato entre eles se tornava mais intenso porque tinham a mesma origem e estavam juntos em um lugar distante de sua cidade, convivendo com pessoas desconhecidas, e isso os aproximava.

Na fala de Samuel não aparecem muitos elementos de seu viver em Ribeirão Preto, do convívio no grupo e com as pessoas daquela cidade. Não sabemos se houve conflitos, e se houve quais foram, se foram entre o grupo ou com as pessoas da cidade. O único elemento que fica evidente é a constituição de laços entre pessoas desse grupo que se identificam em situações semelhantes. São laços de amizade construídos a partir da convivência entre iguais que compartilham as mesmas ansiedades, expectativas, sofrimentos, desejos de trabalhar e mudar de vida.

Acredito que Samuel decide deixar Ribeirão Preto em busca de novas oportunidades quando se dá a quebra desses laços de convivência em grupo estabelecidos naquela cidade, devido justamente a dispersão dos seus componentes.

Quando saiu de Ribeirão Preto, Samuel procurou entrar em contato com seu irmão Klebson que já morava em Tapuirama e recebeu dele o convite para morar e trabalhar neste distrito. Quando faz a escolha de ir para Tapuirama em busca de emprego e de uma vida melhor faz, simultaneamente, a escolha de não voltar para a Bahia. Isto quer dizer que ele opta por não querer viver uma vida de dificuldades e de falta de trabalho. Segundo ele, se voltasse para a Bahia teria que continuar convivendo com os mesmos problemas, limitações e sofrimentos, e foram esses motivos que em parte fizeram com que saísse daquela cidade.

Notei que em Tapuirama moram muitos trabalhadores vindos da Bahia, principalmente desde 1993, quando a JPL Resinas iniciou suas atividades naquela região. Encontra-se com facilidade sujeitos que nos contam que quando chegaram ao distrito já havia conhecidos, parentes, amigos ou vizinhos morando e trabalhando naquela localidade²²:

²¹ Na fala de Samuel não aparece outros fatores que podem explicar claramente os motivos de ele, e as demais pessoas do grupo, terem deixado Ribeirão Preto. Através de sua fala não foi possível ter dimensão exata da vida que levavam naquela cidade. Samuel só disse que sua vida em Ribeirão Preto era simples.

²² É importante ressaltar que a maioria destes trabalhadores são da mesma região do nordeste brasileiro, do município de Jacobina na Bahia, portanto conheciam alguns ‘baianos’ que já estavam em Tapuirama.

“Não, a maioria nossa foi quase toda de lá da minha região mesmo, quase tudo baiano. Quem me dava força era um rapais que morava aqui era que me dava força e tudo. Coelho mesmo era de um, Luquinha que já era acostumado aqui tem muito tempo aqui também.”²³

Estes trabalhadores vão receber primeiramente, destes parentes e amigos que já estavam em Tapuira, o apoio necessário à sua instalação, adaptação e, em muitos casos, a sua permanência no local. Os seus primeiros contatos e relacionamentos com pessoas, se dão com estes “bairanos” que já viviam no distrito a mais tempo.

O fato de Samuel chegar em Tapuira e encontrar, além de um irmão, um grupo de pessoas que formam praticamente uma comunidade, com interesses²⁴ semelhantes aos seus, oferece a ele uma certa segurança, que se alia ao fato de ter um lugar para trabalhar e se sustentar. Fica claro que este é um dos fatores que nos auxilia a pensar sobre a permanência desses trabalhadores em Tapuira, porque o caso do sr Samuel não é isolado, muitos nordestinos foram para o distrito influenciados pelo fato de terem parentes ou amigos que lá já residiam.

Assim, alguns dos trabalhadores que foram para Tapuira em busca de trabalho e de novas oportunidades se deslocaram para outras cidades e viveram outras experiências antes de se mudarem para o distrito:

“Não, que eu tava em Barreira(Ba), nè? Eu vim de lá (Jacobina-BA) pra Barreira, eu trabaia lá de pedreiro. Eu trabaiei treis ano de pedreiro em Barreira, depois fui buscá a família. Ai foi o tempo que o meu patrão, o meu... patrão ele é japonês, o Dr Julio, ele pego o serviço em Barreira e perdeu a concorrência (inaudível) na correção publica, né? Ai, o outro ganhô e eles perdeu. Ai despacho a gente, que num tinha serviço por ali por aqueles tempo, que eu viesse (para Tapuira) e voltasse.(...) Eu, eu num vim nem com esperança de ficar aqui não. Eu vim assim, só pra experimenta mesmo, pra ver o serviço, que eu já sabia que vinha luta com árvore, com negocio de madeira, nè? Tirar resina da madeira...

²³ Sr Jailton Pereira da Costa. Entrevistado em 17/10/04.

²⁴ Samuel buscava oportunidade de uma vida melhor, como dito anteriormente.

Então eu num vim com ... com assim, com... com esperança de nada. Eu só Vinha só pra conhecer mesmo, só por trinta dia. Porque lá num era ruim, onde eu tava num era ruim pro serviço não. Que é em Barreira, é Bahia mais é Barreira, aqui pertinho de Brasília ai, oh? 600km pra Barreira, pra Brasília. Então de lá a gente vinha, muitas veiz o Dr Julio pegava serviço ai na, já no município de Brasília e nós vinha trabaia.²⁵

Neste depoimento do sr Adonel é possível perceber como se dão os deslocamentos em espaços diferentes em busca de trabalho. Ele deixa Jacobina para trabalhar em Barreira como pedreiro.²⁶ Sua própria atividade de pedreiro faz com que se desloque a trabalho para municípios vizinhos onde havia serviço: “*pegava serviço ai na, já no município de Brasília e nós vinha trabaia*”. O sr Adonel fala do motivo de ter vindo para Tapuira, deixando transparecer que ele teria ocorrido de forma muito natural. Parece que ele quer deixar claro que, da mesma forma que ficou em Tapuira, poderia ter ficado também em Barreira ou Jacobina. Ele quer nos dizer que teria condições de viver em qualquer um desses lugares, e que apesar de no nordeste ser “ruim para emprego”, ele tinha essas condições e, assim como os depoentes de Marina S. Santos, ele também está nos dizendo que não era um miserável. Durante vários momentos da entrevista ele se refere à propriedade que possui na Bahia dando ênfase nela. Também transparece qual o valor e o significado de ser dono da sua terra para ele.

Esta fala também tem importância porque deixa claro que para este trabalhador, o sr Adonel, o que mais lhe preocupava era ter um lugar para trabalhar e, para ele, os lugares mais importantes são aqueles que oferecem trabalho.²⁷ Ele diz que não trazia nenhuma esperança para Tapuira, porque onde trabalhava antes, em Barreira, “*num era ruim pro serviço não*.” Nos conta que pretendia ficar em Tapuira por apenas 30 dias e, em seguida, retornar à Barreira. Querendo dizer com isso que mesmo com as condições limitadas daquela região a opção foi dele em deixar Jacobina. Compreendo, a partir de sua fala, que Tapuira se tornou um lugar importante porque também ofereceu a ele oportunidade de trabalho (um emprego

²⁵ Fala do Sr Adonel Ventura Lima (Índio). Entrevistado em 31/10/04.

²⁶ Quando vai para Tapuira muda de cidade e de profissão: “vinha luta com árvore”.

²⁷ Não quero dizer com isso que lugares não podem ter outras importâncias para ele, como por exemplo importância sentimental.

fixo), mas que se tivesse tido oportunidade de continuar trabalhado em Barreira, teria permanecido lá.

Sr Adonel se deslocou para cidades diferentes à procura de trabalho, mas não foi somente uma mudança de lugares, houve mudança no modo de viver, no seu cotidiano e principalmente na atividade de trabalho que exercia. Em Barreira trabalhava como pedreiro em construções e em Tapuira com extração de resinas.²⁸ Talvez este seja um dos principais estranhamentos em sua chegada, o que auxilia a entender porque não pretendia ficar em Tapuira. O serviço que fazia em Barreira, a atividade de pedreiro, já lhe era bastante familiar, pois, mesmo quando ainda morava em Jacobina, fazia serviço de pedreiro para terceiros, quando não era possível estar trabalhando em suas propriedades, plantando ou colhendo:

“Não, o trabalho lá era agricultura, eu trabalhava lá na agricultura, eu trabalhava (inaudível), lá eu sempre trabalhava pra mim. È era muito difícil trabalhá pro zôto, mais as vez eu pegava um (inaudível) casa, esses negocio assim de pedreiro mesmo que as vez eu trabaia fora.”²⁹

Além de trabalhar como agricultor e pedreiro, agora trabalha com extração de resina. Isto deixou claro para mim o valor e a importância do trabalho na vida destes trabalhadores. Todos estes deslocamentos, estas escolhas são feitas em busca de um bom lugar para viver e trabalhar.

Quando estes trabalhadores chegam em Tapuira sua primeira preocupação era com trabalho, afinal, era em busca de trabalho que fizeram esta mudança e era ele que garantiria os salários necessários a uma vida melhor. Sr Jailton foi para Tapuira convidado por seu sogro que lá já estava trabalhando³⁰ :

“Ah! Siri, o serviço aqui dá pra quebra o galho, oh? Num é que nem ai. Mais agente trabaia, anda muito também. Eu digo então cê manda dinheiro e eu vô, que lá a situação num era muito boa, cumo de fato ainda num é boa.”³¹

²⁸ Sr Adonel esta em Tapuira há 8 anos.

²⁹ Sr Adonel Ventura Lima. Entrevistado em 31/10/04.

³⁰ Gostaria de ressaltar que eles têm o trabalho como prioridade, porem, não eliminam (porque é impossível) as demais relações sociais e de vida que são comuns a todos nos: educação, religião, lazer, etc.

³¹ Sr Jailton Pereira Costa (Siri). Entrevistado em 17/10/04.

Quando Sr Jailton decide ir para Tapuیرama em busca de oportunidades para uma vida melhor, ele está levando em consideração as vantagens e desvantagens de abandonar o serviço nas pedreiras (que era uma atividade que ele já sabia fazer) e iniciar num novo trabalho que é a extração de resina. Ao chegar em Tapuیرama, ele se depara com muitas situações novas: vida, lugar, trabalho, pessoas, etc. Sr Jailton teve que aprender a conviver com estas novidades e reelaborar um novo viver. Como havia escolhido aquele lugar para morar e trabalhar, teria então que se adaptar a ele. Se adaptar de certa forma, pois, seus costumes e suas crenças ele mantém consigo. Há uma reelaboração no seu dia-a-dia, no seu cotidiano, pois, em Tapuیرama encontra novos vizinhos e amigos, uma atividade e lugar de trabalho diferentes:

“Cheguei aqui, quando eu vi rapaiz! As casinhas, eu digo: minha Nossa Senhora! Parece que eu vim foi pô fim do mundo. Tinha umas casinha de taba mei um negócio mei desorganizado, né? Ai, eu digo: É? Mais vamo, eu vô vê o serviço”

.....

“Ai, quando eu cheguei ai que, que eu fui prá lá, ai eu digo: é, rapaiz? Ai eu olhei assim e vi aquela, aquela filinha de saquinho, né, amarrado na árvore assim, né? Eu digo: Eu vô fazê esse serviço ai? Eu digo: é, tá sem jeito, viu? Mais ai eu fui pegano o ritmo ai, que tinha os menino daí, que já trabaiô aqui, como Coelho mesmo, que me ajudo muitcho (inaudível) eu agradeço a ele. Coelho é um amigão de arrombá, óh? Ai disse: Ó Siri, é assim, ajeitava as ferramenta pra mim, é assim, desse jeito aqui, ocê tem que ir com calma, num carece correria. O serviço é só ocê tê aqui, andá certinho. Tinha hora que eu ficava perdidão assim na mata, ficava tudo atravessado assim, e que nomeio digo: Vem Cá! E ele vinha: Isso é aqui, é certinho aqui. E eu ia de costa e me apontava pra ir, eu me perdia e ele me botavacerto no carregador de novo, e eu continuava, oh! acostumá, mais graças a Deus eu aprendi e agora num me bato mais não.”³²

³² Sr Jailton Pereira Costa (Siri).Entrevistado em 17/10/2004.

Sr Jailton nos fala de sua chegada em Tapuiriama, como foram seus primeiros contatos e estranhamentos com o lugar, com as casas e com o trabalho. Quando começou a trabalhar na JPL Resinas, contou com o auxílio de amigos vindos da Bahia que já trabalhavam há mais tempo e tinham domínio do processo de trabalho. No caso do Sr Jailton, conta também com a presença do seu sogro e de seu cunhado Luquinha. A presença destas pessoas e parentes o auxiliaram a se acostumar com o local, com um novo jeito de viver e, sobretudo, com o trabalho. Hoje Sr Jailton diz que já se acostumou com a vida em Tapuiriama, com o trabalho, com os moradores, com o lugar e com o jeito diferente da vida que levava na Bahia.

Aos poucos estas pessoas vão se integrando à comunidade e reelaborando seus modos de viver. Começam a freqüentar lugares públicos como, por exemplo, bares, escolas, igrejas, etc. E quando se sentem mais adaptados começam inclusive a praticar atividades em conjunto com a população local: o futebol³³ é um exemplo. Ou seja, começam a viver uma “vida normal”, o que não significa que todos seus problemas foram resolvidos, pois “vida normal” implica disputas, embates, acordos e desacordos. Ao chegar, muitos convivem com os preconceitos dos moradores do distrito:

“Muita gente fala assim: Baiano é assim, assim, assim! Pra mim, eu num tem nada a ver com isso não! Muitos aí sai assim na rua... briga (inaudível) eu não! (...) Ninguém nunca viu nenhuma briga minha aí na rua”³⁴.

Os baianos tiveram que enfrentar o preconceito e a discriminação dos moradores de Tapuiriama, foram taxados de briguentos e até preguiçosos. Este conflito se dava mesmo que não houvesse discussão entre estes “baianos” (como eram chamados pelos moradores) e os antigos moradores do distrito. Existiam e existem comentários entre as pessoas acusando estes trabalhadores de desordeiros e “baguncentos”. Faziam crítica inclusive ao uso dos telefones públicos.³⁵ As pessoas vindas da Bahia usavam muito os telefones públicos para entrar em contato com seus parentes e amigos que ficaram na Bahia, como número o de aparelhos era pequeno, foram criticados por fazerem muito uso deles.

³³ Discutiremos mais sobre futebol no capítulo III.

³⁴ Samuel de Jesus Silva, entrevistado em 20/11/04.

³⁵ As pessoas vindas da Bahia usavam muito os telefones públicos para entrar em contato com seus parentes e amigos que ficaram na Bahia, como número de aparelhos era pouco, foram criticados por fazer muito uso deles.

Mas será que estas oportunidades que surgiram realmente significaram melhorias nas condições de vida destes trabalhadores? Os trabalhadores dizem que sim, o que faz sentido, haja vista a qualidade de suas vidas na Bahia, marcadas pelo desemprego, seca e miséria. Para eles, a principal mudança é a existência de trabalho e sua frequência, pois, na Bahia, o trabalho é escasso. Isto para eles significa mudança, oportunidade de trabalho. Eles acreditam que em Tapuiriama ele não vai lhes faltar, e que só fica sem trabalhar quem quer.

A maioria dos empregos em Tapuiriama se dão no meio rural: serviço nas lavouras, nas fazendas, nas carvoeiras, em empresas de reflorestamento, etc. Sabemos que para o trabalhador que “pega no pesado” as condições financeiras são pequenas devido a baixa remuneração:

“É oportunidade de trabalho... é bem mais fácil também. Apesar que... também, o serviço daqui também é tudo bem mais difícil do que lá (Uberlândia), né? Todo serviço aqui é pesado, cê pode ver que aqui num tem serviço... serviço de loja, essas coisas né? Serviço leve aqui num! É só serviço de roça mesmo que agente encontra aqui. É... mais eu gosto.”³⁶

Estes trabalhos para os nordestinos podem significar muito, no sentido de que acreditam que não lhes faltará ocupação, pois é isto que eles buscam. O trabalho é sinônimo de emprego e salário, que comparados ao que tiveram na Bahia significa melhoria das condições de vida. Já para a realidade dos moradores de Tapuiriama, estas condições talvez não atendam suas expectativas. Estes querem algo mais, um emprego com melhores condições de trabalho e melhores salários.

Hermes diz que há oportunidade de trabalho, porém não é serviço leve, é serviço pesado, de roça. Geralmente aqueles que trabalham como empregados neste tipo de serviço têm um desgaste físico maior devido às atividades desempenhadas. Os que não têm suas carteiras assinadas, não têm estabilidade, pois trabalham onde aparecer serviço, têm poucas possibilidades de crescer economicamente e vir a receber uma remuneração melhor.³⁷

Por este motivo, moradores do distrito de Tapuiriama vão para a cidade de Uberlândia a procura de um emprego melhor, estável e que lhes ofereça possibilidades de crescer, ou seja, enquanto para os trabalhadores nordestinos as possibilidades de trabalho existentes “já seriam

³⁶ Hermes Barreto Ferreira, solteiro, 27 anos. Sempre morou em Tapuiriama. Entrevistado em 14/11/04.

³⁷ Através de observações, notamos estas características comuns entre os empregados rurais daquela região, mas é claro que devem haver exceções.

suficientes.”³⁸ para os moradores de Tapuïrama, que vivenciam outra realidade, essas possibilidades não atendem suas expectativas.

Acredito que as condições econômicas têm forte influência neste processo, pois cada uma dessas regiões tem uma realidade econômica diferente, ou seja, naquela região da Bahia o trabalho é escasso e, por isso, é instável, e em Tapuïrama, há outras possibilidades de trabalho, porém, estas possibilidades de trabalho nem sempre significam melhoria. Tanto que os moradores de Tapuïrama procuram trabalho em Uberlândia.

Acredito que Tapuïrama simboliza a alternativa que estes trabalhadores, vindos da Bahia, tiveram para ter um trabalho e mudar de vida. Sem dúvida é mais fácil “ganhar a vida” em Tapuïrama do que naquela região. Tapuïrama apresenta mais oportunidades e alternativas de trabalho do que em Jacobina, porém estas alternativas não significam melhorias nas condições de vida no sentido de pensar que hoje resolveram todos seus problemas financeiros e econômicos, porque eles sabem que não resolveram. Por várias vezes, em conversas informais, alguns deles me disseram que a vida que levam aqui em Tapuïrama é muito simples como a que viviam na Bahia, o diferencial é a oportunidade de ter emprego fixo.

O trabalho que fazem em Tapuïrama, que é na maioria das vezes a extração de resinas, é um trabalho cansativo e exigente, pois recebem por produção (quanto mais trabalham, mais ganham). Além do desgaste físico, eles não têm um retorno financeiro compensativo e muitas vezes são levados a parar de estudar (devido à carga horária de trabalho) ou deixam de frequentar a igreja.

Adiante, discutiremos sobre o trabalho que essas pessoas realizam em Tapuïrama relacionando-o com seu modo de viver. Centralizaremos a análise sobre o processo de trabalho, os deslocamentos e a remuneração. *Enfim, trataremos de seu dia a dia de trabalho*, incluindo discussões sobre seu acesso à educação e condições de vida de modo geral.

³⁸ Essas possibilidades já seriam suficientes se contrapostas à realidade que vivenciaram na Bahia, onde muitos trabalhavam para garantir os bens necessários à sobrevivência. Como Tapuïrama oferece mais possibilidades de trabalho, a sua sobrevivência estaria “garantida”. Entendo que isto é um fator positivo, mas que não significa melhoria nas condições de vida. Tomamos como exemplo as condições de moradia destes trabalhadores que não lhes oferece privacidade, segurança ou até mesmo higiene como será discutido no capítulo II. Além disso, a atividade de extração de resina causa profundo desgaste físico nestes trabalhadores.

Capítulo II

Cotidiano do trabalho e relações de convivência

Como foi ressaltado anteriormente, os trabalhadores vindos da Bahia representam maioria no processo de extração de resinas em Tapuirama. Por meio de observação, notei que naquele distrito algumas pessoas reclamam não ter emprego e muitos se vêem obrigados a procurar trabalho fora, seja na cidade de Uberlândia, em fazendas naquela região ou em outros lugares. É de conhecimento de todos no distrito que aquela atividade demanda mão-de-obra e constantemente precisa de novos empregados. Porque essas pessoas não trabalham na resina?

Diante disso, a seguinte situação se destaca: teoricamente há oferta de emprego, porém, a grande maioria interessada são trabalhadores nordestinos, os nascidos em Tapuirama representam minoria nesta atividade e muitos nem a procuram. Como poderíamos entender tal representatividade numérica dos nordestinos neste serviço e não daqueles nascidos no distrito? Ou pelo menos, porque não há um equilíbrio entre estes?

Responder estes questionamentos não é tarefa fácil. Este texto aponta um caminho. Em conversas informais, o Sr. José Carlos nos informou que as pessoas de Tapuirama não “param” neste serviço. A maioria opta por serviços eventuais ou empreitos. Como o serviço não é fixo, acontece deles não trabalharem os 30 dias úteis do mês. Geralmente estes serviços são rurais: *fazer cerca, cortar madeiras para carvoeiros ou auxiliar de pedreiro em construção civil*. Mesmo com esta instabilidade eles “optam” por este tipo de serviço ao invés de outros que, sendo fixos, poderiam lhes oferecer uma estabilidade financeira um pouco mais regular como, por exemplo, o trabalho na resina.

Com relação a esta situação, o que se ouve é que estes trabalhadores não se adaptariam ao ritmo intenso do trabalho na resina, por questões ligadas à resistência física e força que seus corpos não apresentariam da forma como é esperado. A partir disso, conclui-se, no senso comum que quando estas pessoas iniciam nesta atividade desistem em um curto espaço de tempo. Para o empregador, isto representa prejuízo em relação aos trâmites e encargos trabalhistas ligados a contratação e dispensa de funcionários. Diante disso, haveria desinteresse da empresa em funcionários com este perfil, e estes trabalhadores também não se interessariam por este emprego.

Esta elaboração faz sentido se compararmos o número de nordestinos e de antigos moradores de Tapuirama naquele serviço. A grande maioria é nordestina e, como o Sr. José Carlos nos informou, as pessoas de Tapuirama não dão conta daquelas atividades, não são acostumadas com serviço pesado, poucos se adaptam a ele.

Alguns trabalhadores nordestinos trabalhavam em pedreiras na Bahia e têm uma resistência física maior, são acostumados com serviços pesados, este fator auxilia sua adaptação na extração de resinas. Porém, vale ressaltar casos de nordestinos que não se adaptam ao serviço da resina e procuram outro trabalho em Tapuirama, o que nos faz pensar que não podemos generalizar esta questão. Isto vale também para os antigos moradores, porque não trabalhavam em serviços tão pesados como pedreiras, mas alguns, a minoria, se adapta na resina.

A JPL Resinas atua como produtora rural. Ela pratica a atividade de extração de resinas na região desde 1993. A resina é extraída da árvore Pinho, por este motivo, o espaço de trabalho (dos empregados que extraem resina) é concentrado, sobretudo nas florestas. A JPL Resinas possui três frentes de trabalho: a Floresta do Lobo, que se localiza entre as BRs 452 e 050, entre o município de Uberlândia/MG e o distrito de Tapuirama; a Satpel que fica próximo no município de Indianópolis/MG, e a Fazenda Marajoara localizada no município de Uberaba/MG.

No anexo 1 (mapa 01)- Plano Rodoviário do Município de Uberlândia- vemos a localização da cidade de Uberlândia e dos distritos que compõem o município. Tapuirama encontra-se na direção sudeste, no caminho da BR 452. Nesta mesma direção está localizada a Floresta do Lobo, onde trabalham parte dos moradores do distrito.

A maioria dos funcionários da JPL Resinas são moradores de Tapuirama, os demais trabalhadores residem nos municípios vizinhos das florestas onde executam as atividades. Os empregados de Tapuirama podem se deslocar a trabalho para qualquer uma dessas fazendas de Pinho de acordo com a necessidade das tarefas, no entanto, se deslocam para a Floresta do Lobo e para a Satpel com maior frequência.

No anexo 2 (mapa 02)- Fazenda Floresta do Lobo- podemos perceber a divisão interna do terreno, com a indicação das áreas dos talhões, terrenos divididos onde o pinho é plantado para a extração de resinas e extração de madeiras posteriormente.

O material coletado pelos trabalhadores na floresta pode ser vendido na maioria das vezes para a fábrica Resinas Tropicais do Brasil (que possui inclusive uma instalação no distrito de Tapuîrama) ou para empresas do Rio de Janeiro e São Paulo que processam o material e preparam boa parte para exportação. A resina é utilizada principalmente para a fabricação de plásticos e também como matéria prima para asfalto.

No âmbito da resina, há ainda a atividade de amarrar saquinhos, que consiste na sua preparação para que possam ser utilizados na coleta da resina. Esta é uma atividade que ajuda a complementar a renda de várias famílias em Tapuîrama. Muitas pessoas que trabalham em outras atividades comuns naquele distrito, tais como construção civil, lavouras ou como autônomos procuram amarrar estes saquinhos nas horas livres com a intenção de aumentar sua renda familiar mensal, para que possam então adquirir bens e serviços necessários à sobrevivência. Principalmente donas de casa e adolescentes que não trabalham fora de casa, amarram estes saquinhos para aumentar os ganhos da família.

O processo de extração de resina dá-se basicamente em três etapas principais: a raspa, a estria e a coleta. Os trabalhadores são distribuídos em três equipes e cada uma é responsável por umas destas etapas, ou seja, há a turma da raspa, outra da estria e outra da coleta. Para cada equipe há um fiscal. Este tem a função de distribuir as tarefas de cada funcionário no começo do dia de trabalho de acordo com sua equipe. Por exemplo, o fiscal da estria determina quantas árvores cada trabalhador deve estriar e em quais ramais irá trabalhar naquele dia. Ao final da jornada ele confere o serviço executado pelos trabalhadores.

A raspa de casca consiste basicamente em raspar a camada externa da madeira fazendo uso de uma ferramenta cortante. O trabalhador raspa a parte mais irregular e seca da árvore, procurando fazer com que sua superfície se torne regular, ou seja, mais lisa e uniforme, como podemos ver na foto 02, para facilitar a próxima etapa que será a estria.

Foto 02:
Processo de extração de resina.



Fazenda Floresta do Lobo, Município de Uberlândia-MG.

Foto 02: Arq: Juliana Lemes Inácio, nov./2004

A raspa é também a etapa que os trabalhadores consideram mais fácil de ser executada por ser menos cansativa e mais diversificada:

*“Ah! Eu acho que a nossa turma é a mais legal que (...) sai da rotina sabe? A gente fica direto trocando de serviço, eu acho que nun cansa tanto igual os outros que tá na rotina, só trabalha naquilo direto. Eu acho que é, eu pra mim, eu acho que é melhor”.*³⁹

A equipe responsável pela raspa faz ainda mais dois processos: a amarração de saquinhos e a raspa de goma. A atividade dessa turma é importante, pois é ela que prepara a árvore para a estria. Além de raspar a casca da madeira para que ela possa ser estriada, essa equipe também amarra os saquinhos a árvore para que, depois da estria, os resíduos possam ficar retidos nos saquinhos. A raspa de goma consiste em raspar a goma de resina para dentro dos saquinhos onde ficará armazenada até que haja uma quantidade suficiente para que possa ser coletada.⁴⁰ Um mesmo saquinho pode ficar anexado à árvore por até 3 anos, ou o

³⁹ Sr Hermes Barreto Ferreira. Entrevistado em 14/11/04.

⁴⁰ Ver foto 02: saquinhos presos nas árvores para armazenar a goma de resina.

período que for suficiente para preenchê-lo, ou ainda pelo tempo que ele pode manter seu estado de conservação.

Para o Sr. Hermes, o trabalho que esta equipe desempenha é bastante diversificado, pois executam atividades diferentes. Ele o considera diversificado porque o compara a outra atividade, no caso a estria. Porém, pude observar que a raspa é uma atividade tão cansativa quanto as demais e, da mesma forma, repetitiva como as outras, porque executam três processos diferentes, porém o executam todos os dias. Para ele, o fato de não ser uma atividade rotineira, faz com que esta se torne menos cansativa e mais agradável aos trabalhadores, pois, alteram os dias e as tarefas a serem executadas conforme a necessidade. Esta necessidade de tarefas faz com que estes trabalhadores se desloquem a trabalho inclusive para outras florestas, o que também evita que o trabalho seja monótono. A fala do Sr Adonel evidencia o ritmo de trabalho da equipe responsável pela raspa:

“É, cada dia a gente faz uma (tarefa). Por acaso: a gente trabaia essa semana rapano, cumo lá (na SATPEL) nois tamo esse mês todinho, nesse mês nois já veio duas vez aqui, né, (na Floresta do Lobo) raspar a goma. Aí, (enquanto aguardam) quando chega a hora de rapar a goma, rapa a casca lá (na SATPEL), na hora de rapar a goma nois vem e rapa aqui, né? Risca primeiro e raspa, aí volta prá lá (para a SATPEL).Aí, enquanto eles coleta aqui nois estamos lá, aí na hora de amarrar (os saquinhos) nois vem e amarra. Aí, torna voltar prá lá, porque o serviço aqui está pouco,aqui só tem oitocentas e poucas mil árvore, lá é treis milhao, né?.⁴¹

Nesta fala nota-se a diversidade de atividades feitas por esta turma e também a periodização com que cada tarefa é executada: “... Aí, enquanto eles coleta aqui nós estamos lá, aí na hora de amarrar nós vem e amarra...” Para estas tarefas o tempo não é marcado pelo relógio, mas, sim, pela necessidade e, até mesmo, urgência de sua execução. Por exemplo, a hora certa de amarrar saquinhos pode ser logo após a coleta, pois será necessário um novo saquinho (no lugar daquele que foi coletado para continuar juntando a goma de resina) ou, depois de ser feita a raspa da casca quando a árvore já esta pronta para a estria e, portanto, se faz necessário um novo saquinho para armazenar a resina.

⁴¹ Sr Adonel Ventura Lima (Índio). Entrevistado em 31/10/04.

O tempo deste trabalhador começar a executar determinado serviço será quando houver necessidade e, da mesma forma, o tempo de mudar de atividade e, até mesmo de lugar de trabalho, irá variar de acordo com a quantidade de serviço que está pendente a ser realizado, ou seja, de acordo com o tempo determinado pelo trabalho e não pelo tempo marcado por horas. A duração de cada tarefa e o seu tempo para execução pode ser reduzido ou prolongado de acordo com a quantidade e a necessidade de serviço a ser feito.

Depois de efetuada a raspa de casca, a árvore do pinho já está pronta para a estria. A estria é um pequeno corte feito na parte da árvore que foi raspada.⁴² Para fazer a estria, os trabalhadores utilizam uma ferramenta cortante chamada estriador. A parte cortante dessa ferramenta possui a largura exata do corte que deve ser feito. A profundidade deste corte na árvore é até a parte da madeira que possui textura mais lisa e aparece oleosa, ou seja, a estria consiste em retirar a última camada de casca, pois é dessa forma que a goma de resina “surge” da árvore. Quando a resina surge, é como se ela estivesse brotando daquela parte do tronco que foi cortada. Logo após efetuado o corte, os trabalhadores devem aplicar um ácido naquele local com a finalidade de estimular a resina a “brotar” da árvore. Na foto 02, observamos que o sr Jailton leva este ácido preso a seu corpo, leva o recipiente com ácido bem junto de si para facilitar seus movimentos e a aplicação, pois cada árvore estriada deve receber a aplicação deste produto.

A estria é considerada pelos trabalhadores a parte mais difícil e cansativa de ser executada, pois exige bastante força física e disposição dos trabalhadores. Para executar tal atividade, o trabalhador deve ter força suficiente para cortar a árvore, ou seja, ele necessariamente tem que despender muita força porque sabemos que o corte não pode ser feito com leves toques. Além do esforço físico, o trabalhador também deve ter muita disposição, porque o ritmo de trabalho é bastante intenso:

“... Mais só que é muito esforçado, cê anda muito, cê cansa também bastante. Quando é dia de sexta-feira, cê tá rastado, cê cai porque é obrigado, óh? Mais eu mesmo gosto do serviço, eu tô adorano o serviço, óh!”⁴³

⁴² Ver foto 02: Sr Jailton fazendo a estria.

⁴³ Sr Jailton Pereira Costa (Sirí). Entrevistado em 17/10/04.

Neste depoimento, notamos a presença de dois sentimentos comuns a muitos daqueles trabalhadores: o sentimento de cansaço e dificuldade e, ao mesmo tempo, o sentimento de gostar do serviço, pois é o serviço que promove seu sustento. É importante destacar que estes trabalhadores são remunerados pelo que produzem, ou seja, eles têm metas a serem cumpridas e quanto mais trabalharem maiores serão seus ganhos salariais.

Em visita feita na Floresta do Lobo em dia de trabalho, observamos uma grande movimentação dos trabalhadores ao executarem a estria, algo parecido com correria mesmo. Esta movimentação acontece porque eles se deslocam de uma árvore a outra para cumprir sua tarefa. Para agilizar tal execução, os trabalhadores procuram estriar as árvores de duas em duas filas. Como as árvores estão dispostas em filas (as chamadas ruas), os trabalhadores fazem a estria na árvore de uma rua depois na rua do lado, caminhando para dentro da floresta. Ao retornar para o sentido do carreador repetem o mesmo processo agora nas próximas duas ruas que ainda não foram trabalhadas. Assim o fazem até cumprirem a tarefa do dia. Com relação à disposição das árvores é importante observar ainda que elas foram plantadas em filas para facilitar a organização e movimentação dos trabalhadores em qualquer tipo de atividade, seja na estria ou no corte de madeira para venda. Estas ruas de árvores são paralelas e distam de um a dois metros uma da outra aproximadamente. Chama a atenção o ritmo intenso e corrido que os próprios trabalhadores impõem ao trabalho: eles se deslocam de uma árvore a outra muito rapidamente fazendo a estria. Para quem está observando, parece até que eles correm de um lado a outro ao invés de caminhar. Ou seja, o cansaço vem tanto desta correria quanto da força que é necessário ser despendida para fazer o corte na madeira.

Localizá-los na floresta se torna difícil mesmo quando sabemos em quais ramais eles estão. Cada ramal contém de 6 a 7 ruas. Na foto abaixo, o número 06 que aparece no alto do canto esquerdo da imagem, pintado com tinta branca, sinaliza que ali começa o ramal 06. Contando de 6 a 7 ruas para frente se localiza o ramal 07. A floresta é muito grande e do carreador não é possível vê-los trabalhando se eles estiverem na floresta. Para que se possa ter uma noção exata do espaço percorrido por estes trabalhadores, é interessante descrever como está disposta a floresta: ela está organizada em grandes quadras, assim como são as quadras nas cidades. No meio da floresta existem estradas largas, semelhantes a avenidas, por onde há um movimento intenso de veículos, utilizados principalmente no trabalho. Estas

estradas maiores podem ligar a pontos importantes como fazendas ou rodovias. As quadras podem ser cercadas por essas grandes estradas e também por pequenas ruas chamadas de carreadores, por onde circulam na maioria das vezes somente os caminhões que fazem a coleta ou os ônibus que fazem o transporte dos trabalhadores.

Foto 03:
Floresta do Lobo- Carreador.



Município de Uberlândia

Foto 03. Arq: Juliana Lemes Inácio, nov./2004

Essas quadras são muitos grandes e os trabalhadores caminham de uma extremidade a outra, seja na raspa, na estria ou na coleta. O trabalhador que faz a estria gasta de 20 a 30 minutos para percorrer este espaço, mas este tempo varia de uma pessoa a outra de acordo com a intensidade de força, tanto para fazer o corte na árvore, quanto de resistência e disposição em caminhar de um lado a outro.

A coleta é considerada pelos trabalhadores a etapa mais fácil e tranqüila de ser realizada. Ela consiste em recolher das árvores os saquinhos que já estiverem com a capacidade de armazenamento de resina completa. Este é o momento de recolher esta goma de resina e encaminhá-la para os latões, como se vê na foto acima, que ficam nos carreadores de onde serão recolhidos posteriormente por um veículo da JPL Resinas. A equipe responsável pela coleta pode ser composta por homens ou mulheres. A coleta é a única parte do trabalho realizado nas florestas da qual mulheres participam diretamente. Apesar de ser

um pouco mais fácil, não deixa de ser uma atividade cansativa, pois os trabalhadores e trabalhadoras levam consigo, por todo o espaço que percorrem a trabalho, um recipiente no qual depositam os saquinhos retirados da árvore. Este recipiente pode ser um balde ou uma lata, ou seja, quando estão com sua capacidade totalmente preenchidos, tornam-se pesados e dificultam a chegada até os carregadores, por exigir destes trabalhadores força para carregá-los.

É interessante enfatizar que apesar de existirem três grandes equipes de trabalho, ele é feito de certa forma individualmente. Como vimos, as equipes não trabalham necessariamente juntas, por exemplo: a turma da estria só começa suas atividades em determinados locais das florestas por onde a turma da raspa de casca já executou a sua parte no processo. Nem mesmo os trabalhadores da mesma equipe trabalham juntos, pois cada um tem sua meta a cumprir e trabalham árvores diferentes.

No início do dia, o fiscal determina a cada trabalhador qual será sua tarefa: quantas árvores deve estriar e em quais ramais irá trabalhar. Depois de colocada esta meta, eles procuram cumpri-la, e até mesmo ultrapassá-la, para que no final do mês possam receber um salário mais compensativo. Desta forma, o número de árvores a serem trabalhadas varia de acordo com cada trabalhador.

“É, é que aí é baseado, né? A vez você vê o cara vem e dá, o... o fiscal dá o pega (a tarefa). Vamo supô: é 3 mil (árvores). Até é a tarefa do dia. Aí o cara vai e tira os 3 mil. Se for 2 (mil) e 800, o cara tira os 2 e 800. E assim. Tem..., o cara corta mais, tem vez que vê eu mesmo sou acostumado a corta mais de 3 mil: vai pra 3 e 200, até 3 e 500. Mais sei que é muito esforçado, Você anda muito, cansa bastante...”⁴⁴

Com base neste depoimento e sabendo que estas pessoas ganham por produção, percebi que estes trabalhadores se esforçam bastante para obter um salário melhor, pois sabem que o valor de seu salário depende do seu desempenho de cada dia... “Eu mesmo sou a corta mais de 3 mil: vai pra 3 e 200 até 3 e 500 ...” Isto quer dizer que seu salário será proporcional a este número de árvores cortadas, ou seja, se o Sr Jailton houvesse cortado apenas 2800 árvores iria receber menos no fim do mês. Por este motivo os trabalhadores se

⁴⁴ Sr Jailton Pereira Costa, (Siri). Entrevistado em 17/10/24.

esforçam para cumprirem suas tarefas e estriar o maior número possível de árvores, afinal quanto mais trabalharem mais ganham. Mas este esforço tem seu limite, que é o próprio cansaço físico suportado pelos trabalhadores.

Muitos desses trabalhadores vêem como positivo o fato de receberem por produção, porque podem ter a chance de receber um salário relativamente bom e, ao mesmo tempo, consideram esta forma de remuneração inadequada, e até mesmo ruim, pois exige dos trabalhadores um esforço físico maior e conseqüentemente um maior desgaste e cansaço.

O seguinte depoimento do Sr Samuel evidencia a visão que é comum a muitos trabalhadores:

“Pra mim, eu acho melhor porquê... na diária você vai ganhar trezentos e poucos (reais), na produção já... Assim, aumenta mais o seu salário, não sabe? (inaudível) É... Se você (...) panhar muito, você tira 500 contos de lucro. Só que num é muito bom não que, que você esforça muito, não sabe? Você se esforça muito”⁴⁵

Sr Samuel considera que é melhor receber por produção porque pode ganhar mais dinheiro, porém isto exige que ele se esforce e trabalhe mais. Se fosse a situação de receber por diária, ele se esforçaria menos, no entanto não ganharia tanto quanto pode ganhar trabalhando por produção.

A fala do Sr Hermes explicita ainda melhor este sentimento contraditório dos trabalhadores em relação a sua remuneração:

“ Ah! Eu acho ... , de certa parte eu acho melhor e certa parte também ... acaba num sendo melhor que agente tem que trabalhar mais, né? Por este exemplo se agente tivesse um salário fixo que valesse a pena, também agente num esforçava tanto pá tirar o salário que agente tira, né?”⁴⁶

Segundo o Sr Hermes, o ideal realmente seria se eles pudessem ter um salário fixo que valesse a pena, ou seja, que fosse suficiente para cobrir as despesas indispensáveis do dia-a-dia como: alimentação, vestuário e saúde. Possuindo um salário fixo compensativo, não

⁴⁵ Sr Samuel de Jesus Silva. Entrevistado em 20/11/2004.

⁴⁶ Hermes Barreto Ferreira. Entrevistado em 14/11/2004

precisaria trabalhar tanto como fazem, o que provavelmente poderia reduzir o desgaste físico e cansaço dos trabalhadores.

Estes trabalhadores, independente da tarefa que realizam, recebem de 500 a 600 reais por mês. Esses valores se alteram de acordo com sua produção, ou seja, muitos ganham menos que este valor, o que faz a vida destas pessoas em Tapuیرama ser muito simples. Estes trabalhadores dependem do salário de cada mês para garantirem sua sobrevivência. É com ele que conseguem garantir minimamente alimentação, remédios, educação, saúde, enfim, os bens que são necessários à sua sobrevivência e de seus familiares.

Para muitos trabalhadores vindos da Bahia, o fato de saberem que ao final do mês receberão um salário significa o primeiro passo para a conquista daquilo que almejavam quando saíram de Jacobina: encontrar um emprego fixo e garantir a sua sobrevivência e a de sua família. Na atividade de extração de resina que praticam atualmente eles sabem que podem contar com um salário ao final do mês e, provavelmente por este motivo, todos os entrevistados afirmaram gostar do trabalho que realizam, mesmo que este venha a causar um profundo desgaste físico em seus corpos.

Entendo o fato de estes trabalhadores gostarem do trabalho que realizam em Tapuیرama, porque lá ele pode ocorrer com maior frequência e, ainda que seja uma atividade cansativa, é mais fácil e menos desgastante do que, por exemplo, atividades em pedreiras que geralmente eram executadas em Jacobina por muitos destes trabalhadores. Além disso, em Tapuیرama podem contar com um salário todos os meses, o que de fato não ocorria na Bahia, onde levavam uma vida totalmente instável.

Mesmo que este emprego fixo promova algumas transformações financeiras positivas nas vidas destes trabalhadores, não podemos considerá-las como melhoras definitivas em suas condições de vida. Acredito que elas podem apenas garantir minimamente seu direito de sobreviver com o mínimo que lhes é de direito, ter acesso a trabalho, escola ou saúde, que na Bahia, segundo nossos depoentes, estavam seriamente comprometidos.

Analisando situações vivenciadas no dia a dia destes trabalhadores- deslocamentos para o trabalho, o trabalho em si, as condições e horários de almoço- podemos ter uma percepção de como é um dia de serviço de um destes trabalhadores nesta atividade em meio á

floresta. Podemos evidenciar, ainda, a simplicidade com a qual estas pessoas passam seus dias trabalhando.

O almoço é sempre feito em casa para ser levado ao trabalho, e cada trabalhador é responsável pela preparação do seu. Alguns optam por prepará-lo na noite anterior, outros preferem fazê-lo pela manhã. Depois de pronto, organizam as marmitas em recipientes de sintético ou de plástico geralmente. Caso a comida tenha sido preparada na noite anterior, ela é esquentada pela manhã antes de ser colocada nos devidos recipientes.

O horário de almoço é feito pelos trabalhadores, eles escolhem qual hora querem parar para almoçar e quanto tempo será necessário para este. Como todos ganham por produção, a maioria dos trabalhadores tende a almoçar rapidamente para poder retomar logo às atividades. Os trabalhadores almoçam na floresta mesmo, geralmente se reúnem em pequenos grupos de duas ou três pessoas que estão trabalhando em ramais próximos um do outro e fazem, deste momento, um momento não só de alimentação, mas também de descanso, mesmo que seja pouco tempo, pois o restante do dia trabalham quase sem nenhum intervalo, a não ser para tomar água. Sr Samuel nos conta um pouco sobre suas experiências de horário de almoço:

“Nossa malmita nois a... a gente sempre, sempre leva assim é no sintético, sabe, aquela malmita de plástico aí, geralmente esquentam assim (inaudível) faz o nosso café, faz o... café da manhã pra nois comer lá, né? É nisso aí que leva. Aí, quando é meio dia já num tá... aquele negócio quente, né, quente assim, sempre está meio morno, assim, sem graça a comida (...).

No almoço lá, a gente para, comparação na base dumas onze horas, passa quinze minuto, quinze minuto ali comendo e já tem que deixar lá e pegar no serviço de novo. (...) Se fosse diária não porque... Você parava as onze e só pegava doze horas, né, que é na base de uma hora, né, de almoço: você comia ali, ia deitava um pouquinho... Aí depois voltava a pegar a base dumas (inaudível, me pareceu ser “doze horas”)⁴⁷

Como no meio da floresta não é possível esquentar a comida, se o recipiente no qual ela é armazenada não mantê-la aquecida, os trabalhadores são obrigados a comê-la fria e

⁴⁷ Sr Samuel de Jesus Silva. Entrevistado em 20/11/04.

“sem graça” como nos disse o sr Samuel. Isto nos leva a associar esta atividade que praticam à dos bóias-frias que trabalham em lavouras, pois a estria de resina se dá em enormes fazendas de pinho, onde o trabalho é braçal e o serviço é difícil, e almoça-se no próprio local de trabalho, comida que é preparada por eles mesmos.

Os trabalhadores se reúnem próximo aos carregadores para almoçar. Ao chegar na floresta pela manhã, geralmente deixam seus pertences reunidos próximos dos carregadores, mas na última fileira de árvores: além do almoço, levam água e café entre outros. Memorizam este lugar e, na hora do almoço, é para lá que vão. Eles almoçam e descansam muito rapidamente para voltar ao trabalho (muitas vezes nem há tempo suficiente para descanso ou os próprios trabalhadores optam por não descansar). Retornando ao trabalho se organizam de forma que seus pertences fiquem sempre próximos dos lugares onde estiverem trabalhando. Em dias chuvosos, o almoço é feito dentro do ônibus que faz o seu transporte o para trabalho. As fotos abaixo foram realizadas no horário de almoço em um dia de trabalho que chovia. O trabalhador que está em pé ao lado do ônibus é o Sr. José Carlos, o Coelho, que gentilmente nos disponibilizou estas fotos. As pessoas que estão dentro do ônibus já não trabalham na resina nem moram em Tapuirama, retornaram para sua região de origem.

Quando chove forte, o ônibus busca os trabalhadores para protegê-los da chuva. Se a chuva cair muito rápido não há tempo suficiente para entrarem no ônibus e se abrigarem e muitos se protegem apenas com as capas de plástico e, ainda assim, se molham. Por este motivo, as fotos abaixo ilustram não só um lugar possível para se almoçar, elas ilustram mais uma situação vivenciada no dia-a-dia de trabalho. Nelas, aparecem os apetrechos comuns a um trabalhador da resina: garrafas térmicas para armazenar água e bolsas com pertences. Como a foto foi feita em um dia chuvoso aparecem capas de chuvas, blusas de frio e roupas molhadas a secar. Em dias assim, no espaço ora forjado para o almoço aparecem novos elementos que também constituem o ambiente de trabalho.

Na foto 5 destaca-se um trabalhador dentro do ônibus bebendo água. Este é um momento em que eles já almoçaram e parou de chover. É também um momento de rápido descanso durante o dia de trabalho e, em seguida, eles irão se preparar para voltar às atividades. Estas fotos foram tiradas e pertencem ao Sr José Carlos.

Foto 4:**Foto 5:****Trabalhadores da JPL Resinas no ônibus**

Arq: Sr José Carlos, s.d.

Estes trabalhadores enfrentam desafios no dia a dia para garantir um salário que lhes proporcionará seu sustento. Para alguns, esta luta diária é mais cansativa e penosa do que para outros. Aqueles que se deslocam para a Satpel levantam-se mais cedo para o trabalho que os demais e percorrem uma distância maior até chegar ao local de trabalho, o que exige um tempo maior para a realização do percurso.

O Sr. Samuel, que geralmente trabalha na Floresta do Lobo, gasta de quarenta a cinquenta minutos para chegar até lá, enquanto os trabalhadores que vão para a Satpel gastam em média uma hora e meia (se não houver imprevistos):

“Não. Pra gente num... num acho muito cansativo não, que nois sai, nois sai daqui (de Tapuirama) seis hora, sai de lá (da Floresta do Lobo) quatro hora e chega aqui cinco horas (da tarde), num é muito longe não. Agora, pra uns aí, acho que fica muito cansativo porque eles sai lá pra Setpel, né, que é muito longe, aí sai cinco e meia e chega aqui quase sete hora da

*noite. Pra uns é muito cansativo, já pra nois aqui na Pinusplan (Floresta do Lobo) num é muito cansativo.”*⁴⁸

A rotina semanal da maioria destes empregados que vão para a Setpel se resume basicamente ao trabalho. A quantidade de horas necessárias para o trabalho e para o deslocamento de Tapuira até a floresta limita a rotina dos trabalhadores. Como ficam o dia todo fora de casa, muitos abandonaram ou diminuíram a frequência de algumas atividades normais de suas vidas, tais como: frequentar a igreja, a escola e outros espaços de sociabilidade do distrito. O ritmo forte e intenso das atividades que executam, aliado à distância percorrida e o tempo consumido, provocam ainda o desgaste físico dos trabalhadores, o que também dificulta de certa forma a prática de demais atividades. Porém isto não quer dizer que as pessoas eliminam essas práticas, (estas serão melhor discutidas no capítulo III).

Para chegar até a Setpel, o ônibus da JPL Resinas, que transporta os trabalhadores, deve atravessar, via balsa, a Represa de Miranda, localizada nas proximidades da cidade de Indianópolis/ MG, porque este é o caminho mais rápido. Nossos depoentes relatam situações em que o ônibus não pôde passar por este caminho principalmente devido a indisponibilidade da balsa, ou porque chegaram até ela após seu horário de funcionamento (que é somente até as dezoito horas), ou porque ela poderia estar com algum defeito e/ou em manutenção. Estes imprevistos, que podem ocorrer durante o percurso que os trabalhadores fazem de casa para o trabalho, ou vice e versa, são fatores que podem vir a dificultar o dia a dia destas pessoas no sentido de preencher um tempo que deveria estar livre para o trabalhador. Por exemplo, se ocorrer algum imprevisto e este ônibus só chegar até a balsa após seu horário de funcionamento, ele terá que retornar e seguir por Uberlândia (pela rodovia BR 365 e depois pela BR 452) que é o caminho mais longo a ser percorrido. Um imprevisto, como este, poderia atrasar a viagem em pelo menos uma hora, provocando conseqüentemente um atraso com os demais compromissos assumidos por estes trabalhadores para depois do horário do expediente, ou até mesmo, impossibilitá-los:

⁴⁸ Sr Samuel de Jesus Silva. Entrevistado em 20/11/04.

“...teve um dia de quarta-feira que eu perdi (aula) porque o ônibus deu defeito, né? Quer dizer, num foi mesmo o ônibus, foi a balsa, né? Chegou na balsa, num tava, aí teve que voltar por lá pra vim por Uberlândia aí, chegemo aqui (em Tapuirama) era oito e tanto (da noite).”⁴⁹

Devido a atrasos no caminho de volta do trabalho para casa, ir á escola é um dos compromissos mais ameaçados, pois, se o trabalhador chegar em casa atrasado, por volta das dezenove horas, não haverá tempo suficiente para que ele possa se preparar e ir para a aula. As pessoas têm necessidade de chegar em casa e pelo menos tomar um banho, mudar de roupa ou comer algum alimento, se não puderem descansar pelo menos um pouco, antes de ir para escola. Com a correria dos horários, estas necessidades ficam comprometidas. Se pelo lado do trabalho esta pessoa torna-se, de certa forma, dependente do horário de seu término, a escola é uma instituição que tem rigorosidade com horários, o que também vem estreitar as possibilidades de frequência nas aulas. Existem regimentos internos nas escolas que, como forma de disciplinarização e/ou organização para o funcionamento das aulas, fixam um prazo de tolerância para atrasos de modo que não permitem a entrada de alunos além deste tempo.

Diante desta situação, quando ocorre algum atraso devido a algum tipo de imprevisto e estes trabalhadores chegam do trabalho muito tarde, ou em um horário que não oferece tempo suficiente para chegar à escola até seu horário de tolerância, eles são impossibilitados de assistir as aulas:

“É porquê o último horário é sete e meia, né? Começa sete hora, aí eu chego aqui sete e meia, oito hora da noite, aí num tem como. (Pausa) No dia eu chego sete hora, cumé? Eu vou tumá banho, quando termina num pode entrar mais, já passou do segundo horário, aí num tem mais jeito. Eu pedi já, esse meis eu já tive seis falta, seis ou mais”⁵⁰

Muitos que vivenciam esta situação em Tapuirama deixam de freqüentar a escola. Isto ocorre neste distrito com maior frequência, sobretudo depois que eles concluem o Ensino médio, pois, em Tapuirama não há instituições para continuar estudando após o término deste: não há faculdades ou escolas técnicas. Por este motivo alguns se deslocam para

⁴⁹ Sr Adonel Ventura Lima. Entrevistado em 31/10/2004

⁵⁰ Idem.

Uberlândia na tentativa de continuar estudando. Mas, para a realidade e os horários dos trabalhadores da resina, este deslocamento se torna ainda mais complicado:

“Eu cheguei a tentar lá (em Uberlândia) algumas vezes (...) é impossível ... Tinha dia que eu chegava, quando eu tentei lá, eu chegava aqui cinco hora, seis hora saía e chegava meia noite (...). Que eu tinha vontade de continuar estudando eu tinha muita vontade e num pude... e justo por causa do serviço, né? Quer lá, tivesse num serviço melhor, num lugar melhor, talvez eu tinha continuado a estudar, né? Acho que ... o ponto negativo lá foi esse, que eu num pude continuar estudando, só, mais o resto esta sendo bão, ta sendo razoável (Risos).”⁵¹

Como nos informou o Sr. Hermes, com esta jornada de trabalho torna difícil para o trabalhador se deslocar para outro centro urbano para estudar, devido aos motivos mencionados: ocorrência de imprevistos; possibilidades de atrasos, longa jornada de trabalho e tempo despendido na viagem para as aulas.

A fala do Sr. Hermes também demonstra um sentimento relacionado a um desejo de continuar estudando, que é comum na vida de muitos jovens moradores do distrito de Tapuira. Ela ilustra, também, as lutas diárias destes trabalhadores (luta que é comum a outros) pelo direito e acesso à educação, que são disputas comuns ao universo de trabalhadores, onde a maioria dos jovens que vivenciam uma realidade semelhante a esta não consegue prosseguir nos estudos ou mesmo frequentar as aulas. Ocorre em geral, inclusive com os trabalhadores da resina, deles se verem diante da escolha de trabalhar ou estudar e na maioria das situações, devido a realidade vivida, eles “optam” por deixar de estudar em decorrência da necessidade de trabalhar para sobreviver.

Uma causa importante deste tipo de conflito é o horário que se chega em casa do trabalho. Se estas pessoas chegam em casa muito tarde, muitos afazeres têm que ser adiados, agendados para outro dia. Frequentemente, as principais causas destes atrasos são provenientes de problemas mecânicos no ônibus, os ônibus sempre são vistos nas oficinas para algum tipo de reparo. Segundo os trabalhadores, peças importantes dos ônibus quebram com frequência. Eles sentem muito medo em fazer uso deste transporte. O embarque e desembarque é feito praticamente na porta de suas casas (no máximo um quarteirão de

⁵¹ Hermes Barreto Ferreira. Entrevistado em 14/11/2004.

distância), os ônibus passam nas ruas mais próximas das duas vilas, porém eles viajam quase lotados. Boa parte da viagem é feita na rodovia, por isso os trabalhadores consideram seu transporte como muito perigoso. Os ônibus não estão em bom estado de conservação e, segundo eles, já foram realizadas reclamações junto à empresa no sentido de melhorar a qualidade destes veículos, alegando o perigo de se fazer uma viagem em rodovia movimentada com o ônibus praticamente cheio de pessoas e em péssimas condições. Muitos trabalhadores se mostram revoltados com relação à condição deste transporte. O Sr. Samuel manifestou sua opinião sobre ele:

“Nosso, nosso transporte num é à parte (inadiável) muito bom não né? Por que é uns ônibus muito falsificado. Acho que é muito perigoso, né?”

A empresa teria prometido a disponibilização de novos ônibus, porém, até a conclusão deste trabalho eles ainda não haviam sido disponibilizados.

Não estou afirmando que o trabalho realizado por estas pessoas as impede (de forma determinada) de vivenciar ou experimentar outra atividade ou outras atrações, estou apenas sinalizando que o tempo que ele consome é um dos fatores que dificulta o desenrolar de outras relações por tomar algumas horas a mais, principalmente quando há atrasos e, além disso, causa um desgaste físico mais acentuado. Pois, o trabalho não elimina outras possibilidades de atividades para estas pessoas, pelo contrario, ele é capaz de criar espaços de convivência.

No capítulo seguinte, abordaremos o modo de vida destas pessoas fora do âmbito do trabalho. Discutiremos sobre praticas de lazer, religiosidade, moradia, enfim, sobre os valores construídos e as práticas elaboradas e/ou reelaboradas por estes sujeitos.

Capítulo III

Vivências e cultura de trabalhadores em Tapuira

Nos capítulos I e II analisei o modo de vida, as relações de trabalho e as experiências vivenciadas por trabalhadores nordestinos no distrito de Tapuira. Notei, sobretudo, que estes sujeitos sociais carregam consigo muitas vivências e relações conflituosas com relação ao trabalho: primeiramente no que diz respeito a sua frequência e, posteriormente, com relação às suas condições, exigências (inclusive de força física) e ao retorno que é proporcionado aos trabalhadores. No decorrer da pesquisa percebi ainda que a jornada de trabalho e o tipo de serviço executado influenciam no fazer ou no deixar de fazer outras atividades. O trabalho não elimina demais práticas, por este motivo, o presente capítulo trata do modo de viver dos trabalhadores da resina daquele distrito fora do âmbito do trabalho. Apresenta, também, algumas discussões relacionadas com o morar em Tapuira de forma geral: como se apresentam valores, práticas religiosas, experiências vivenciadas, enfim a cultura dos moradores daquele local. Por este viés, abordo o viver de nordestinos e não nordestinos, dos antigos moradores deste local e dos “novos”.

O elemento moradia é um dos que se destacam com muita importância dentro da proposta realizada para este capítulo. Considerando a moradia como espaço de convivência, podemos analisar uma série de questões que estão presentes no cotidiano daquelas pessoas: relação de vizinhança e de parentesco; lazer e uma certa “separação” dos nordestinos em relação aos moradores dentro daquele espaço urbano.

A grande maioria das pessoas vindas da Bahia para trabalhar com extração de resina em Tapuira reside em casas ou barracões, como são chamados pelos moradores. Estas casas foram construídas (e são oferecidas) pela JPL Resinas àqueles que vieram da região nordeste. Estas casas estão localizadas em lugares diferentes dentro do espaço urbano do distrito, elas são conhecidas pelos moradores locais como “vila dos baianos”. A construção, ou seja, a arquitetura destas casas dá-se de dois tipos: de tijolos ou de madeira. As casas construídas de tijolos localizam-se nas proximidades da entrada do distrito e ao lado esquerdo, (localização que pode ser visualizada no mapa 03 em anexo). Aquelas que foram construídas com madeira, ou seja, de tábuas, localizam-se do lado direito e mais no “final” do espaço urbano também podem ser localizadas no mapa 03.

Distrito de Tapuirama. “Vila dos Baianos”



Foto 06: Arq. Juliana L. Inácio, nov/2004

Distrito de Tapuirama. “Vila dos Baianos”



Foto 07: Arq. Juliana L. Inácio, nov/2004

Ambos os modelos destas casas são bastante simples. Como podemos observar na foto 06 as casas construídas com tijolos têm seu telhado de telhas de amianto. O acabamento final aparenta não ter sido concluído, pois as paredes mantêm uma aparência de que foram apenas “chapiscadas” com cimento, além de não apresentar uma textura lisa mas sim áspera, com aplicação de uma camada de tinta branca. Em seu interior, estão divididas em sala, quarto, cozinha e banheiro, o piso é de cimento e não de cerâmica. Esta divisão interna é a mesma para as casas de madeira, porém sem o banheiro(a foto 07 mostra as casas de madeira). Nesta foto, visualizamos também a existência de um cômodo com três portas em frente as casas, estes cômodos são banheiros de uso coletivo.

O lugar onde estão as casas de tijolos é um pouco mais espaçoso do que aquele onde estão as casas de madeira, espaço, o que diz respeito à distância entre uma casa e outra e com relação ao espaço transitável. Na foto 06, observamos a existência de uma rua mais larga. Esta rua não é asfaltada, por ela só circulam os próprios moradores da vila ou outros que venham ter algum tipo de ligação com eles, ou seja, é uma rua onde todos podem transitar, ela vai de um lado ao outro do quarteirão e está interligada às demais ruas do distrito, porém, só tem necessidade de passar por ela quem mantém algum vínculo com o local ou com quem lá reside, pois, esta rua se localiza dentro da “vila” e serve principalmente aos seus moradores. Já na foto 07 notamos que este espaço transitável entre as casas de madeira é menor e mais parecido com um corredor do que com uma rua. Neste local não circulam automóveis, porque ele não interliga um lado ao outro do quarteirão, o acesso se dá somente pela frente (no anglo em que foi feita a fotografia). Conseqüentemente, este é também um espaço voltado apenas para aqueles que têm algum motivo para se dirigirem até lá. Ocorre, então, que estas “vilas” se apresentam integradas com o restante do espaço urbano daquele distrito, porém é possível perceber que elas são lugares voltados para um tipo exclusivo de pessoas: os seus moradores, ou seja, os “os baianos” trabalhadores da resina. A forma e os lugares onde foram construídas acabam de certa forma “descriminando” aqueles moradores dos demais. Essa distribuição espacial acaba favorecendo uma convivência entre eles próprios, ou seja, com um núcleo de pessoas vindas de um mesmo lugar de origem e que trabalham e residem no mesmo local, além de dividirem desejos e aflições semelhantes.

Apesar destes espaços de moradia estarem distribuídos em dois lugares diferentes em Tapuiriama, como podemos ver no mapa 03, estes moradores elaboram e reelaboram relações de vizinhança, o que não significa que não existam conflitos entre eles. O morador da “vila” das casas de madeira localizadas na parte de cima, no centro, se interrelaciona com o que mora na outra “vila”, independente da localização.

É claro que em um processo de migração os semelhantes procuram se agrupar e este fator é levado em consideração. Além disso, esta é uma situação onde o empregador ofereceu para seus funcionários a moradia em lugares comuns, com casas bem próximas umas das outras. De acordo com a distância e a forma das construções, seus moradores se viram agrupados em lugares destinados somente a eles. Dessa forma, mesmo que haja uma convivência com todos os moradores do distrito, (como de fato há, já que este é um lugar

pequeno), me parece que os moradores destas “vilas” estabelecem relações de convivência mais intensas com eles mesmos. A forma como suas casas estão dispostas (em “vilas” dentro de Tapuiriama com uma entrada considerada livre, mas que é restrita; as casas de frente uma para outra e vizinhos com muitos aspectos em comum) propiciam este tipo de convivência. Propicia também uma certa comodidade, que, de alguma maneira, interfere no desenrolar das relações de convivência com os outros vizinhos do distrito. É neste sentido que as condições de localização do lugar onde vivem os “discrimina”, aponta para uma maior facilidade de se conviver e se relacionar entre si, e não com os demais. A palavra discriminação não é utilizada no seu sentido negativo ou como rejeição, mas sim como diferenciação.

Os trabalhadores da resina que são solteiros, em geral moram em casas separadas dos que são casados. Conforme pode ser verificado no mapa 03, a moradia destes trabalhadores localiza-se do outro lado da rua onde estão as casas de madeira ocupadas pelas famílias baianas. Estas casas são construídas com tijolos e somente rebocadas e pintadas de branco. Nelas, há somente cozinha e um quarto, os banheiros estão dispostos do lado de fora das casas e são de uso comum entre estes moradores. Não há banheiro individual dentro daquelas casas, bem como não há área de serviço individual.

No depoimento do Sr. Adonel notamos como alguns dos trabalhadores analisam seu viver naquelas casas:

“Aquilo é... é uns trem muito apertadinho e é uma confusão danada, é um bagunceiro! Você num gosta duma bagunça aqui do lado, o outro já bagunça do outro, briga dentro da... Iche!! Era um verdadeiro Inferno! Pra mim mesmo e a mulher, lá nunca prestou. Aí eu só vivia com a cabeça quente, doido pra ir embora. Falava com os home (os patrões), eles num mandava embora mesmo”.⁵²

A fala do Sr. Adonel ilustra um pouco sobre o dia-a-dia vivenciado por estes moradores naquele local. Na sua fala, confusões, bagunças e brigas são conflitos presentes em seu cotidiano. Para ele, assim como pode ter sido para outros, a experiência de morar naqueles barracos foi conflituosa. O fato de todas as casas se localizarem muito próximas umas das outras e terem seu espaço de construção muito pequeno, (“uns trem muito

⁵² Sr. Adonel Ventura Lima, [Índio]. Entrevistado em 31/10/04.

apertadinho”) são elementos que contribuem para o aflorar destes conflitos. Afinal, em algumas destas casas habitam muitas pessoas (em relação ao seu tamanho), incluindo crianças, o que significa que há confronto de idéias e comportamentos diferentes, mesmo dentro deste grupo que apresenta muitos traços semelhantes.

É em meio àquele espaço, e diante daqueles relacionamentos, que estes sujeitos procuram exercer sua individualidade e sua privacidade. Podemos observar alguns exemplos corriqueiros: quando estão em casa muitos passam o tempo ouvindo música em alto volume, outros, preferem apreciar o silêncio, seja porque querem descansar ou simplesmente porque não gostam de música. Existem pessoas que gostam de reunir amigos em casa nos fins de semana para tomar “uma cervejinha” ou para tocar o berimbau, instrumento utilizado na prática da capoeira. Em outra posição, existem aquelas pessoas que se sentem melhor ficando sozinhas em casa e curtindo a família.

A partir de individualidades diversificadas, como as que foram citadas, constatamos que o ritmo de vida não é homogêneo e, justamente por este motivo, surge uma série de situações que podem levar aos conflitos. Muitos conflitos são contados pelos próprios moradores. A própria cultura deste grupo permite a eles elaborarem formas de convivências, mesmo se eventualmente ocorre alguma situação adversa. É estabelecida uma forte relação de companheirismo entre estes vizinhos, eles se ajudam no tratar de problemas domésticos, corriqueiros, tais como empréstimo de utensílios, ajuda nos afazeres caseiros e prestação de favores de forma geral. É estabelecida uma relação de reciprocidade, onde eles se ajudam e se “comprometem” a ajudar novamente.

Atualmente existem trabalhadores da resina que não residem mais nestes barracões oferecidos pela JPL Resinas. Caso algum trabalhador deseje mudar-se para outra residência, ele tem total liberdade para fazê-lo, desde que ele tenha condições para tal. O Sr. Adonel e sua família não residem mais naqueles barracões, ele fez sua inscrição para adquirir uma casa no programa de moradia oferecido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, que financia casas populares para pessoas de baixa renda. A localização exata destas casas pode ser visualizada no mapa 03, onde se observa também a localização da residência do Sr. Adonel.

Pagar aluguel ou o financiamento de uma casa representa uma despesa a mais para estes trabalhadores, este dinheiro poderia ser utilizado em outra finalidade qualquer: despesas com a educação dos filhos, com a manutenção das casas e aquisição de bens indispensáveis

como alimentação. Por este motivo, mudar-se dos barracões é tarefa difícil para eles, já que onde moram não têm despesas com aluguel.

No entanto, existem muitos trabalhadores satisfeitos com o lugar onde residem. Tal satisfação se explica em parte porque, nestes “barracos”, os moradores não pagam aluguel, e pagam somente metade das despesas com água e luz (inclusive, este é um dos principais motivos de muitas pessoas continuarem morando ali, pois, com o salário que ganham toma-se mais difícil pagar aluguel porque isto representaria mais despesas no final do mês). Além disso, também em um meio que, em alguns momentos pode se tornar muito agitado, há a presença de relação harmoniosa, ou seja, a “bagunça” não dura 24 horas. Existem momentos de distração no interior destas “vilas”, mesmo para o ponto de vista daqueles que a considera conturbada. Há muitos momentos de diversão como jogos, brincadeiras, música e capoeira que podem ocorrer no mesmo espaço onde se dá a “confusão”. O viver naquela “vila” é intenso, seja com relação a práticas de socialização com os vizinhos, seja por causa de conflitos com o mesmo. Estes acontecimentos não estão dissociados, se dão no mesmo tempo e espaço.

É importante que se tenha claro que, nesta vizinhança, as pessoas têm um mesmo perfil: são nordestinos que se deslocam à procura de trabalho e que, portanto, compartilham os mesmos desejos: trabalhar e melhorar suas condições de vida, principalmente sua situação financeira. Vivendo uma realidade comum, compartilhando as mesmas angústias e alegrias e morando muito próximos uns dos outros, este vizinho toma-se muitas vezes o melhor amigo e, até mesmo, quase um parente. É a este vizinho que estas pessoas recorrem em busca de auxílio para algum afazer doméstico, para cuidar de um filho se a mãe estiver trabalhando, para oferecer ajuda financeira na medida do que lhes é possível, para momentos de distração como jogar “pelada” no meio da rua e oferecer hospedagem quando for preciso.

É neste meio que muitos trabalhadores permanecem nos horários em que não estão trabalhando. Durante a semana, ao chegar em casa após o dia de trabalho, estas pessoas geralmente permanecem no âmbito doméstico: cuidando dos afazeres do lar, das crianças e descansando. Como estes trabalhadores estão em serviço de segunda a sexta e só chegam em casa no entardecer, o tempo que lhes resta para outras práticas é bastante curto. Ainda sim, estas pessoas procuram fazer de tudo um pouco neste tempo que lhes sobra: as mulheres lavam roupas que não podem aguardar para serem lavadas no final de semana, procuram

manter a organização da casa e das coisas das crianças, vão à mercearia repor o que estiver em falta dentro de casa. É comum entre homens e mulheres (de todo o distrito, e não só os nordestinos) as conversas com amigos e vizinhos. Estas conversas são momentos em que estas pessoas exercem a socialização. Através delas é possível desabafar, fazer comentários dos acontecimentos mais recentes, adquirir e dividir conhecimentos. É possível também contar histórias, dar boas gargalhadas, reclamar da vida ou falar de projetos para ela. Este tipo de conversa ocorre nas casas, nas ruas e em finais de semana, geralmente, também em bares.

Durante a semana, logo que chegam do trabalho já está anoitecendo. Devido a isso não há muito que fazer nas ruas, bares e mercados, assim como muitos outros moradores do distrito, ficam nas suas casas. Aqueles que não estudam, geralmente aproveitam estas horas livres para descansar, preparar o jantar, onde preparam também o almoço para o próximo dia de trabalho, assistem televisão ou ouvem música e eventualmente até vão à casa de algum vizinho, mas logo voltam para casa porque eles precisam acordar cedo no dia seguinte.

Apesar de manterem relações de vizinhança mais intensas com os próprios moradores da “vila”, eles não deixam de se relacionar com os demais moradores de Tapuiriama. Logo que os “baianos” começaram a chegar no distrito em busca de trabalho em 1993, era comum comentários de alguns dos antigos moradores com relação, não só a sua presença, mas principalmente com relação aos seus comportamentos. Naquele momento, estes “baianos” foram hostilizados por uma parcela da população local: eram rotulados de baderneiros e até preguiçosos. Este tipo de hostilidade nem sempre era declarado, muitas vezes os comentários ficavam somente entre eles. No entanto, mesmo que não tenha ocorrido embates diretos entre estes sujeitos (meu objetivo não é saber se ocorreram agressões físicas a um ou outro), ocorreram uma série de conflitos no momento da sua chegada com os quais um e outro tiveram que apreender a lidar.

Ainda hoje estes migrantes convivem com situações ou com comentários hostis. Em conversas informais, o Sr. José Carlos nos informou que a população de Tapuiriama “não é muito receptiva”. Além disso, também o Sr. Samuel nos conta sobre como uma parcela daquela comunidade ainda os vê:

“Ah! O pessoal, assim... fala: – É! Baiano chego aqui, tá fazendo isso, isso, isso. Eu acho que não, não sabe? Agente viemo aqui só pra... Não, tem uns

*que vem, viero pensando que era outra coisa, viero só pra bagunça, mais tem uns que só veio pra trabalha mesmo, né? Ai, modo de uns, fala mal de todos.*⁵³

Neste depoimento aparecem muitos elementos importantes. O tipo de hostilidade e preconceito que os identifica como bagunceiros se faz presente ainda hoje no imaginário daquela população para quem, segundo o depoente, os “baianos” não vieram para trabalhar, mas promover desordem. O tom de voz do Sr. Samuel nesta sala demonstra indignação. Apesar dele afirmar que alguns “baianos” foram bagunçar, aparentemente ele não aceita que se faça generalizações, porque, para ele, a maioria vai com a preocupação de trabalhar e não se envolver em brigas ou bagunças das quais são “acusados”.

A convivência entre nordestinos e não nordestinos dentro de Tapuیرama é de certa forma conflituosa, mesmo que isto não seja assumido ou impeça seu viver naquele lugar. Estes conflitos se mostram mais próximos de conflitos corriqueiros do que daqueles onde eventualmente a convivência se torna insuportável. São embates que mineiros e baianos superaram por conseguir elaborar estratégias para uma convivência com o mínimo possível de harmonia. Apesar de rixas eventuais, pude observar que estas pessoas se respeitam (pelo menos minimamente) para tentar garantir a convivência naquele distrito. O Sr. Adonel nos conta que a maioria das desavenças com relação aos “baianos” se dão entre eles mesmos, e não com os mineiros:

*“(...) Aqui, a baianada com os mineiro, Ave Maria! É bão demais. As vezes existe alguma tretinha, é baiano com baiano, mineiro com mineiro. Mais mineiro com baiano num tem, nunca teve, até hoje não. A camaradagem é boa demais, mesma coisa que a gente tá na terra da gente (...)”.*⁵⁴

“A camaradagem é boa demais”, ou seja, as relações não são somente de desavenças. Os conflitos se dão por se tratar de pessoas vindas de uma região diferente para um lugar que, para elas, é novo, diferente. Estes conflitos são a forma de uns se habituarem aos outros e de

⁵³ Sr. Samuel de Jesus Silva, Entrevistado em 20/11/04.

⁵⁴ Sr. Adonel Ventura Lima, [Índio]. Entrevistado em 31/10/04.

elaborarem regras para esta nova convivência. São momentos onde a diferença aparece, podendo ser assimilada ou não.

Atualmente estes trabalhadores nordestinos usufruem os mesmos espaços e serviços que os demais moradores: freqüentam os mesmos mercados, os mesmos bares, recebem tratamento igual no posto de saúde e praticam esportes nos mesmos lugares que os demais habitantes daquela comunidade. Como foi ressaltado, o espaço urbano no distrito é relativamente pequeno e este é um dos motivos principais para estas pessoas fazerem uso dos mesmos lugares e serviços no distrito, independente do tipo de afinidade com aquela comunidade. Como lá só existe um posto de saúde, toda comunidade local (e também a comunidade rural que vive nas suas proximidades) faz uso dele, sem “distinção” destas pessoas. E, assim como qualquer outro morador, quando é necessário procurar algum tipo de tratamento mais especializado eles se deslocam até a cidade de Uberlândia, na tentativa de solucionar o seu problema.

Além do sistema de saúde, outro espaço público compartilhado pelos moradores de Tapuirama é o Poliesportivo municipal. Este é um espaço público que abre possibilidades para prática de algumas atividades esportivas, como futebol, vôlei e basquete. Este poliesportivo é pensado para integrar a comunidade do distrito através do esporte e também como opção de lazer para seus moradores. Por meio de observação pude verificar que apesar de ser um espaço público, são poucas pessoas que usufruem dele, afinal, o distrito possui um número pequeno de habitantes. O público que comparece ao poliesportivo, nos finais de semana, quase sempre é o mesmo, dificilmente ele atrai um número grande e diversificado de pessoas. Aquele que não se sentia atraído em freqüentá-lo, continua desmotivado e não o freqüenta.

O corre que este poliesportivo torna-se um espaço público freqüentado sempre pelas mesmas pessoas, sejam elas nordestinas ou não, praticantes ou não praticantes de qualquer esporte, porque existem muitos que não têm afinidades com a prática de esporte, mas freqüentam aquele espaço para se relacionar com outras pessoas. Dizer que este é um espaço freqüentado quase sempre pelas mesmas pessoas, significa dizer que elas podem ser identificadas por seus nomes: João, Maria, José. Não significa dizer que estas pessoas pertencem a um mesmo grupo ou classe social, elas têm perfis diferentes.

O futebol é o esporte mais praticado em Tapuiriama. Os moradores praticantes deste esporte frequentemente organizam torneios com durações diversificadas, campeonatos com muitos ou poucos times inscritos, ou simplesmente jogos avulsos, os “rachas”. Além dos jogadores (sempre que utilizo os termos jogadores, atletas, torneios, campeonatos e times, os descrevo como amadores), há um público que acompanha estes jogos. Frequentemente ele é formado por aqueles que gostam do esporte incluindo homens, mulheres, crianças e idosos; por suas famílias ou por aqueles que desejam apenas divertir-se e encontrar-se com os amigos.

Este público que geralmente é pequeno, mas agitado e barulhento por estar torcendo por algum time, assiste a estes campeonatos que são formados por várias equipes amadoras. Apesar de não existir uma regra para selecionar quem participa de uma equipe ou de outra, notamos que elas se formam por afinidades. As equipes são denominadas pelas nomenclaturas que lhes deram origem, por exemplo: no “time da igreja” a base dos atletas é formada por aqueles que freqüentam ou exercem alguma atividade dentro da Igreja – ministros ou organizadores de pastorais – o que não impede que uma pessoa fora deste circuito venha a disputar algum campeonato por este time. O Tapuiriama possui o nome do distrito, mas pode vir a ter algum jogador que não seja de Tapuiriama. O Areião se originou em uma comunidade rural localizada nas proximidades dos distritos por vizinhos que praticam este esporte. O campo onde aconteciam os jogos ficava próximo de uma região de areia, por isso, quando este time disputa algum campeonato em outras localidades é chamado Areião. Porém, a base deste time não é mais rural, nele jogam sobretudo moradores de Tapuiriama, inclusive baianos. Por sinal, os baianos formaram dois times que disputam campeonatos. A grande maioria dos seus atletas são trabalhadores que vieram do nordeste em busca de emprego. O Sr. José Carlos (o Coelho) coordena um destes times e como estas duas equipes são conhecidas como “time dos baianos”, a sua é conhecida como o “time do Coelho”, uma forma de diferenciar as equipes.

Antes da formação de times de futebol só dos “baianos”, eles disputavam os campeonatos em outras equipes. Na foto abaixo estão jogadores baianos que, na ocasião do campeonato disputado em 2002, jogavam pela equipe do Areião, mostrando uma certa interação com os moradores:

Foto 08:

Torneio de futebol: Equipe do Areião



Arq: Jose Carlos – 2002.

Em 2004, o “time do Coelho” estava disputando o campeonato de Tapuirama. Na ocasião ele era o técnico do time e, na sua equipe, mais de 90% dos atletas seguramente eram nordestinos. Nas arquibancadas, torcia por seu time os “baianos”, obviamente, familiares, amigos e companheiros de trabalho.

Através do futebol, diferentes segmentos daquela comunidade se relacionam. Comunidade rural, Igreja, trabalhadores nordestinos passam a ter suas relações de convivência estreitadas por conta deste esporte. Reúnem-se para organizar os campeonatos, as regras, os times. Estas reuniões, que geralmente precedem o início das disputas, já são um momento de interação entre estes atletas. No decorrer das disputas, reuniões podem acontecer em qualquer lugar: no banco da praça, na porta de casa e até mesmo na rua em um encontro por acaso. É lógico que estes encontros não são reuniões formais, na maioria das vezes elas acontecem de repente e, então, os jogadores se põem a comentar sobre o campeonato, os jogos, o seu time e o dos seus adversários e sobre a arbitragem (isto com muita frequência). Esta é uma situação onde se dão os relacionamentos e a convivência por meio do esporte, não somente no gramado quando estão jogando. Um jogador de um time faz todos estes comentários com um jogador de outro time, ou seja, os “baianos” podem conversar sobre

determinado jogo com um atleta de qualquer outro time, assim como também jogador do Areião conversa tranqüilamente com qualquer outro atleta.

O futebol é uma das práticas de socialização naquela comunidade, principalmente com relação a população masculina. Como os trabalhadores nordestinos vivem neste meio e tem gosto por tal esporte (o motivo de praticarem o futebol é este, o praticam porque sentem prazer e não somente porque não têm outra opção de lazer), eles também se vêem integrados a ela por meio deste esporte. O futebol proporciona aos moradores de Tapuiriama momentos de descontração e de amizades. Novas amizades são feitas e as antigas reafirmadas. Para os trabalhadores nordestinos este esporte foi significativo na conquista de novas amizades, foi um dos meios de aproximação com os antigos moradores do distrito. Muitos jogadores “baianos”, como é o caso do Sr. Jaílton e do Sr. Samuel, fizeram amigos devido aos jogos de futebol. Da mesma forma, esta prática esportiva é vivenciada por todos os moradores do local: estreitou relacionamentos entre pares e com os outros. Proporciona um repensar em relação ao outro e ao conhecimento de uma realidade diferente da sua, o que pode indicar sentimentos de simpatia ou de antipatia não só entre nordestinos e tapuirienses, mas entre cada um destes grupos.

Em uma comunidade pequena como a de Tapuiriama, o futebol se mostra como uma atividade que faz as devidas apresentações àqueles que não se conhecem, ou seja, as pessoas têm a oportunidade de se conhecerem enquanto assistem aos jogos ou - para aquelas que jogam - durante ou ao término da partida. No caso dos trabalhadores nordestinos, esta é uma oportunidade de conhecerem a população local e de se fazerem conhecidos. O Sr. José Carlos, por exemplo, é uma pessoa muito conhecida no distrito devido ao futebol, as pessoas já sabem quem ele é, onde ele vive, onde trabalha e de onde veio, e agora é conhecido por isso, não é “mais um que gosta de futebol”. Este conhecer, saber onde a pessoa trabalha, reside e de onde veio, não é válido somente para os nordestinos. Também os antigos moradores de Tapuiriama se conhecem desta maneira. Acontecem situações de convivência onde as pessoas apenas se encontram e se cumprimentam sem ter muita relação um com o outro, é o que os moradores falam de conhecer tal pessoa “só de vista”, ou seja, não mantém contato, relacionamento ou amizade.

Em alguns casos, o futebol proporcionou este tipo de contato onde se sabe quem é determinada pessoa e, de certa forma, podemos dizer que ele fez com que o viver delas se

tornasse conhecido. A pessoa deixa de ser mais um “conhecido só de vista” para ser aquele que mora em tal lugar e trabalha em determinado serviço. Da mesma forma que o futebol proporciona este tipo de relacionamento, qualquer outra atividade poderia proporcioná-lo. Como ele é um dos “passa-tempos” favoritos em Tapuirama favorece e propicia este tipo de relações. Mas, é claro que as pessoas não se conhecem somente através dele. Há uma série de outras situações que propiciam esses encontros e relacionamentos, tais como, freqüentar Igrejas e bares como discutiremos adiante.

É importante destacar que, apesar deste esporte ser realizado fora do âmbito do trabalho, aqueles que o praticam – independente do time a qual estão ligados – não estão totalmente desvinculados do seu mundo de trabalho no sentido de que a maioria dos seus “companheiros de bola” geralmente são também os seus companheiros de trabalho diariamente. É lógico que ao montarem os seus times os jogadores são escolhidos individualmente, isto faz com que os escolhidos muitas vezes sejam colegas de trabalho com os quais têm mais afinidade. Os relacionamentos mantidos no trabalho são de alguma maneira presentes também nos momentos de lazer, como nestes jogos e campeonatos de futebol praticados geralmente, nas horas vagas dos finais de semana.

Os “Times dos Baianos” não são os únicos construídos basicamente por trabalhadores de um emprego em comum. No distrito, existe também o “time da fábrica” que é composto basicamente pelos trabalhadores da Fábrica Resinas Tropicais do Brasil. Portanto, o futebol tem importância significativa para os trabalhadores em Tapuirama. É uma forma que encontram para se divertir e se relacionar, além do relacionamento que é mantido devido ao trabalho. É importante notar também que primeiramente se relacionam em seu trabalho e que o futebol é o momento onde a amizade e o companheirismo é extravasado para além do dia-a-dia do trabalho.

O futebol é uma prática esportiva que naquele distrito não integra somente homens. Famílias inteiras vão ao campo para assistir os jogos. Já mencionamos que o público que freqüenta aquele local esportivo é pequeno, mas é importante frizar que mesmo em número pequeno as famílias freqüentam, ainda que sejam as mesmas famílias. O poliesportivo onde se pratica esportes é um lugar público relativamente espaçoso e arborizado. Este espaço socializa também as mulheres. Muitas se conhecem e têm oportunidade de construir novas amizades naquele espaço. Ele é também um espaço aonde as mulheres vindas da Bahia vão

se divertir com a família. É lógico que este lugar é mais freqüentado por homens do que por mulheres, porque naquele distrito o futebol é um esporte praticado predominantemente por homens. Porém, ele representa um campo de possibilidades de relacionamentos importantes entre as mulheres que vieram do nordeste e as mulheres que já moravam em Tapuiriama. A partir dessa convivência são estabelecidos laços de amizade e de reciprocidade, aprendem lidar com uma pessoa que tem uma cultura diferente da sua. É a cultura de cada um que lhes permite elaborar uma maneira de se relacionar com a outra.

Além do futebol no final de semana, os bares são as principais atrações para aquela comunidade de trabalhadores, lavouristas, comerciantes, estudantes e moradores da zona rural. Os bares mais freqüentados se localizam ao redor da praça Said Jorge, que é a região central do distrito e onde está a Igreja Nossa Senhora da Abadia, a única Igreja católica de Tapuiriama. Principalmente aos sábados à noite e aos domingos à tarde estes bares recebem um número significativo de pessoas.

A estrutura destes bares é simples. Oferecem bebidas e mesa de sinuca. Um deles possui estrutura maior e é chamado de bar e boate por oferecer música ao público. Geralmente as músicas são de som mecânico e são manipuladas pelos funcionários do bar e não por Dj's. Este bar tem o nome de Xodó Mineiro, mas é conhecido pelo nome do proprietário, Bar do Hélio. O bar do Hélio é o mais freqüentado por ter esta estrutura mais espaçosa e diversificada, por funcionar também como boate. As mesas onde os freqüentadores sentam para beber, comer aperitivos ou simplesmente para conversar, são dispostas no seu interior e nas calçadas das ruas em frente ao bar. Mesas dispostas do lado de fora dos bares são muito comuns em Tapuiriama. Os freqüentadores geralmente preferem estar sentados nas calçadas porque podem armar churrasqueiras e ligar o som dos carros. Os moradores freqüentam os bares mais do que freqüentam o poliesportivo. Com música, bebidas, sinuca e possibilidade de encontrar amigos, os bares atraem um número maior de pessoas.

Sobretudo jovens e adolescentes freqüentam os bares. Eles se tornam um ponto de encontro, é lá que muitos se relacionam, se revêem, vão até os bancos da praça para conversar, ou seja, é um importante ambiente de convivência. Nem todos que freqüentam estes bares o fazem somente para beber ou jogar, procuram algo, além disso. Estar no bar é o momento de esquecer problemas, descansar do trabalho e conviver com as pessoas.

É importante observar que um número significativo de trabalhadores freqüenta estes bares. Entre muitos assuntos, um dos mais comentados é o trabalho. Contam episódios ocorridos com eles ou com algum companheiro, no dia-a-dia de trabalho. A partir disso fala-se quantos litros de leite “fulano” tira, quantas sacas de soja “ciclano” colheu e que “beltrano” pensa em abrir um negócio próprio. Estas passagens exemplificam o tom da conversa dos trabalhadores e a importância do trabalho para cada um. As mesas dos bares se tornam lugares onde se pode conhecer a vivência dos moradores, principalmente através do conhecimento do trabalho que cada um executa.

Muitos trabalhadores nordestinos freqüentam estes mesmos bares. Jovens, velhos solteiros ou casados vêm os bares como uma opção de diversão, muitos vão com a família em busca de um momento de lazer. Nestes ambientes eles se integram entre si e com os antigos moradores do distrito, é uma oportunidade onde laços de amizade e companheirismo se estreitam. Assim como o futebol, o ambiente dos bares se mostra propício à criação de novos tipos de relacionamentos: surgem amizades, namoros, rivalidades. Todas essas situações podem se passar neste mesmo ambiente, porque estes bares são ambientes familiares, mas são freqüentados por pessoas diferentes.

Um número importante de trabalhadores nordestinos escolhem os bares para se distrair principalmente aos sábados à noite. Lá procuram esquecer os problemas vivenciados no dia-a-dia, tais como, contas para pagar, problemas familiares ou do trabalho. É onde buscam viver bons momentos sem muitas preocupações. Porém, nestes bares, vez ou outra surge algum tipo de confusão. Como os nordestinos representam boa parte dos freqüentadores destes bares, também vez ou outra se envolvem em brigas, assim como surgem confusões também entre os antigos moradores de Tapuirama. Em um ambiente onde as pessoas consomem principalmente álcool, são comuns estes desentendimentos. O que se passa, é que o espaço urbano do distrito é pequeno e logo ficam sabendo das confusões. Parece-me que quando há realmente algum nordestino envolvido nestas “bagunças”, a repercussão ganha outra conotação. Como o Sr. Samuel nos disse anteriormente, muitos dizem: “Isso é coisa dos baianos”. Ou seja, por mais que laços de vizinhança e de convivência tenham sido firmados, concomitantemente emerge a dificuldade de aceitar o outro e o bar é um espaço onde isso acontece.

Quanto à religiosidade, naquele distrito a grande maioria é católica. Há muitas pessoas envolvidas com a Igreja: freqüentam missas, organizam pastorais, são ministros e promovem festas religiosas. A principal festa católica em Tapuîrama dá-se todo mês de julho e homenageia a Santa padroeira da Comunidade, a Nossa Senhora da Abadia. Esta festa é tradicional em Tapuîrama e é o evento que consegue reunir o maior número de pessoas. Muitas pessoas só se encontram nesta época do ano e, devido a esta festa, aqueles que por algum motivo se mudaram para outra cidade, escolhem este momento para visitar os parentes e amigos mais próximos, conseqüentemente têm oportunidade de reencontrar muitos outros antigos conhecidos.

Este momento de manifestação de fé na comunidade é também o momento que os moradores têm de conhecer novas pessoas, dançar, beber e se divertir. O cunho desta festa é religioso, com realização de procissões e há o coroamento da Santa, onde os fiéis manifestam sua fé. Esta festa se prolonga para além destes rituais. Os mesmos organizadores destas manifestações organizam também o seu prolongamento no Salão Comunitário Laudelino Pereira, (que é um salão que serve à comunidade em qualquer tipo de evento). Neste salão acontecem os leilões para arrecadação de fundos, com bingos e bailes.

Os bailes são vistos pela maioria como a parte mais esperada das festividades. Nestes bailes todos podem participar, não só fiéis, mas qualquer pessoa é convidada a participar. A comunidade espera ansiosa por este momento, principalmente os fiéis, os comerciantes e os jovens. Muitos destes últimos sequer participam das cerimônias religiosas, comparecem somente no salão para bailes, onde buscam somente diversão. Os trabalhadores nordestinos se enquadram nesta situação. Eles geralmente participam somente dos bailes. Porém mesmo na ocasião destas festas no salão, a maioria dos nordestinos optam por freqüentar o bar do Hélio, aparentemente é lá que eles se sentem mais à vontade. Talvez isso se explique por razões culturais, pois a festa de Nossa Senhora da Abadia, conhecida como a festa de julho, representa uma tradição e tem um significado para aqueles que foram criados naquele distrito. Para os migrantes nordestinos ganha outros sentidos, encaram os bailes e o agito maior de pessoas como mais uma possibilidade de diversão. Para eles, a festa religiosa não significa uma tradição ou um costume, por isso eles não participam dela pelos mesmos significados que os moradores antigos do distrito.

Apesar de em Tapuira haver poucas estruturas para o lazer dos moradores em termos de espaços físicos (e de algumas nem existirem, tais como: cinema, shoppings, casas de show e grandes eventos), os moradores elaboram opções para sua diversão dentro daquilo que lhes é comum e possível. É dentro do próprio universo onde se relacionam e convivem com as pessoas, ou seja, dentro daquilo que para eles é real que são traçadas as estratégias para seu lazer e de sua família. As opções que forjam sempre incluem o próximo, seja o pai, os filhos, o vizinho e o companheiro de futebol ou do trabalho. Chama a atenção a forma como organizam, por exemplo, o que fazem no final de semana, porque geralmente as atividades escolhidas são atividades para um grupo: pescar, jogar futebol, fazer um passeio em uma cidade vizinha ou rezar um terço. Estas escolhas estão ligadas ao seu mundo, ao seu modo de viver, ilustram o que lhes é comum, possível e o que gostam de fazer. Além disso, marcam o sentido de viver próximo de pessoas conhecidas, nas relações de vizinhança e amizade.

Considerações Finais

No decorrer da pesquisa pude perceber os significados das experiências vividas por aqueles trabalhadores nordestinos em busca de trabalho. Questões relacionadas com o valor que o trabalho representa para aquelas pessoas puderam ser discutidas através da compreensão dos motivos que os impulsionaram a mudar de região. Da mesma forma, perceber a importância de se relacionarem com seus semelhantes (aqueles que vieram da região de Jacobina trazendo alguns elementos comuns, mas não homogêneos) possibilitou analisar um pouco de como reelaboram seus costumes, hábitos, enfim, sua cultura. Ao mesmo tempo em que pude perceber e compreender alguns significados, outros puderam emergir durante a pesquisa e suscitar a necessidade de mais estudos.

Foi significativo trabalhar com as expectativas que os nordestinos traziam consigo de melhorar de vida, relacionando-as ao tipo de resultado alcançado segundo as suas formulações. Trabalhar com algumas contradições de sentimentos, como o apego do Sr. Adonel ao terreno que possui na Bahia e a aparente satisfação em poder trabalhar em um emprego fixo, apontam para algumas discussões que podem ser melhor investigadas e problematizadas.

Da mesma maneira, a questão das mudanças em suas condições de vida e se elas significaram melhorias de vida ou não, fica em aberto para novas e mais profundas discussões, porque considero esta questão muito delicada. Dizer que com seu trabalho na resina em Tapuirama estão vivendo melhor, pode parecer que suas vidas na Bahia eram simplesmente péssimas, o que seria uma visão homogênea e errônea, porque o que lhes faltava era oportunidade e condições de trabalho, pois muitos eram pequenos agricultores e possuíam suas pequenas plantações e criações. Em Tapuirama, se formos discutir melhorias de condições de vida fazendo comparações sobre moradia e socialização com alguns dos antigos moradores do distrito, vamos concluir que não houve verdadeiramente mudança, dado que seus próprios moradores buscam serviço em outras áreas. Porém, em comparação com a falta de oportunidade de um viver bem em Jacobina, no que diz respeito a trabalho e expectativas econômicas, houve algumas melhoras, principalmente por terem encontrado na resina a estabilidade que procuravam. Porém a grande questão que foi apontada é como estão organizando suas vidas a partir deste trabalho e como se dão essas relações de

trabalho, o que lhes é proporcionado e o que lhes é negado. A partir das situações discutidas, considero que estas questões podem ser estudadas mais a fundo na continuidade desta pesquisa.

Fontes

Fontes Orais

Hermes Barreto Ferreira: solteiro, 27 anos, sempre viveu em Tapuira. Tem o Ensino Médio completo, trabalha na JRL Resina desde os 16 anos. Diz que não tem vontade de morar em uma cidade grande como Uberlândia. Entrevista gravada em 14/11/2004.

Adonel Ventura de Lima (conhecido como Índio) é casado, 54 anos de idade. Morava em Jacobina, BA, era agricultor. Tinha uma pequena propriedade, onde plantava feijão, milho entre outros. Mudou-se para Barreira, BA, onde trabalhou por 3 anos como pedreiro. Foi para Tapuira, em 1997 e desde esta data trabalha na JRL resinas onde faz a atividade de estria. Sr. Adonel voltou a estudar em 2004 e está cursando a 5ª série do Ensino Médio. Atualmente não mora mais no alojamento da empresa, tem sua casa própria. Entrevista gravada em 31/10/2004.

Jaílton Pereira Costa é casado, tem uma filha, 29 anos. Morava em Jacobina na Bahia e trabalhava nas pedreiras e quebrava pedras. Veio para Tapuira a convite de seu sogro em busca de uma vida melhor. Há 4 anos está em Tapuira e trabalha na JPL Resinas, mora nos alojamentos da empresa. Seu lazer preferido é o futebol. É conhecido como Siri. Entrevista gravada em 17/10/2004.

Samuel de Jesus Silva, 21 anos, solteiro. Criado em Jacobina (BA), onde morava e trabalhava com sua mãe. Tinham uma pequena propriedade e tiravam seu sustento da agricultura. Morou em Ribeirão Preto (SP), onde trabalhou por 1 ano nas lavouras de laranja. Esta em Tapuira a dois anos e meio, mesmo tempo que trabalha na JPL Resinas. Entrevista gravada em 20/11/2004.

Sr José Carlos da Silva de Jesus (Coelho), 35 anos, casado, duas filhas. Está há 7 anos em Tapuira. José Carlos vivenciou a experiência de ir para o distrito e retornar para Jacobina/ BA. Ele diz que voltou para Bahia depois de ter vivido 2 anos em Tapuira porque sentia saudade de Jacobina. Não encontrando possibilidades de garantir uma estabilidade financeira lá, retornou para Tapuira, neste distrito sempre trabalhou na JPL Resinas na estria, seu principal passa tempo é jogar futebol. Com ele não foi realizada entrevista, mas muitas conversas sobre seu viver em Tapuira, na Bahia e sobre trabalho.

Documentos Diversos

- Fotografias acervo de pesquisa da autora registrando: o processo da extração de resina- a estria e os carregadores na Floresta do Lobo-, e as casas onde os trabalhadores residem. Arquivo do Sr José Carlos da Silva de Jesus registro de uma pedreira na região de Jacobina; trabalhadores no ônibus e equipe de futebol.

- Cadastro de empregados e cartão de inscrição de produtor rural: fornecido pela JPL Resinas.

- Mapa de Plano Rodoviário do Município de Uberlândia 1998: Prefeitura Municipal de Uberlândia.

- Mapa: Planta loteamento: Prefeitura Municipal de UBERLÂNDIA, 2001.

- Mapa da Floresta do Lobo: JPL Resinas, s.d.

- Mapa Espaço Urbano do Distrito de Tapuira Prefeitura Municipal de Uberlândia, s.d.

Bibliografia

ALMEIDA, Antônio de. Os trabalhadores e seus espaços: cultura, experiência e cotidiano nos estudos históricos sobre a identidade coletiva. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela (orgs.). *Política, Cultura e Movimentos Sociais: contemporaneidades historiográficas*. Programa de mestrado em História UFU. Uberlândia / MG: EDUFU, 2001, pp. 27-42

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Cultura e trabalho: os círculos operários católicos entre as práticas de assistência e controle: In: MACHADO, Maria C. T., PATRIOTA, Rosângela (orgs.). *Histórias e Historiografias: perspectivas contemporânea de investigação*. Uberlândia, 2003.

ANGELOTTI, Maria Andréa do Carmo. *Trabalhadores bóias frias: experiências rurais e urbanas em Araguari/M.G.* 1980 – 2000. Mestrado em História Social. Pontifícia Universidade Católica, PUC/ São Paulo, 2001. (Dissertação de Mestrado).

BALÇÃO, Lier Ferreira. A cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913). In: FENELSON, Déa Ribeiro (org.) *Cidades. Pesquisas História* 1. Programa de Estudos pós-graduados em História PUC / SP. São Paulo: Olho d'Água, 1999, pp. 225-256.

BARREIRO, J. C. E. P. Thompson e a Historiografia brasileira; revisões, críticas e projeções, In *Revista Projeto História*, 12 Revista, SP.

BATISTA, Sheille Soares de Freitas: *Buscando a cidade e construindo viveres: relação entre campo e cidade*. Instituto de História/Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia/ UFU, 2003. (Dissertação de Mestrado).

BEIGUILMAN, Paula. *A formação do povo no complexo cafeeiro; aspectos políticos*, 2º ed. São Paulo: Pioneira, 1978.

BLAY, Eva Alterman, 1937 *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*. SP: Cia das Letras, 1995.

BURKE, Peter. A nova história seu passado e seu futuro. In *A escrita da História; novas perspectivas*: São Paulo, Editora da Unesp, 1992.

CALVO, Célia Rocha. *Muitas Memórias e Histórias de uma cidade: Lembranças e experiências de viveres urbanos*. Uberlândia 1938 – 1990. História Social. Departamento de História Pontifícia Universidade Católica, PUC São Paulo PUC, 2001. (Tese, Doutorado).

CARVALHO, Rita Maria Ribeiro de. *O pão cotidiano contra grandeza da nação. Um estudo da produção e disciplina entre pequenos produtores rurais*. Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia. UFU, 2001.(Dissertação de Mestrado).

COUTO, Ana Magna Silva. *Trabalho Cotidiano e sobrevivência. Catadores de papel e seus modos de vida na cidade - Uberlândia 1970*. Mestrado em História Social. Departamento de História Pontifícia Universidade Católica, PUC/ São Paulo, 2000. (Dissertação de Mestrado).

FALCON, Francisco. História e Poder, In Cardoso, C. F. Vainfas, R. *Domínios da História*, Editora Campus, RJ 1997.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?. In: *História & Perspectivas* 6. Revista dos Cursos de História e do Programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia / MG: EDUFU, 1992, pp. 5-23.

FONTANA, Josep. Reflexões sobre a história, do além do fim da história; In *História: análise do passado e projeto social*: EDUSC, 1998.

LE, Goff Jacques. *A história Nova*, In *A história Nova*. SP: Martins Fontes, 1993.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *A disciplinarização da pobreza no espaço Urbano Burguês: Assistência social institucionalizada – Uberlândia, 1965/1985*. Departamento de História / USP, 1990.(Dissertação de Mestrado).

MEDEIROS, E. Antunes. *Trabalhadores e viveres urbanos, trajetórias e disputas na conformação da cidade – 1970/2001*. Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia: UFU, 2001. (Dissertação de Mestrado).

MORAIS, Sérgio Paulo. *Trabalho e cidade, trajetória e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia 1970/2000*. Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia:UFU 2002 (Dissertação de Mestrado).

MOURA, Margarida Maria, 1946, *Camponeses*, SP: Ática, 1986

NIEMEYER, Ana Maria de. Um outro retrato: imagens de migrantes favelados. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). *Desafios da Imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas / SP: Papirus, 1998, pp. 225-265.

PETUBA, Rosângela M^a Silva. *Pelo direito a cidade: Experiência e Luta dos Trabalhadores Ocupantes de Terra do Bairro Dom Almir – Uberlândia – 1990 – 2000*. . Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia:UFU 2001 (Dissertação de Mestrado).

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). In: *Projeto História 16*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, 1998, pp. 211-220.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos In. *Revista Tempo.Rio de Janeiro* Vol.1 n.2, UFF, 1996

_____. As fonéticas da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos e História Oral e memórias. Entrevistas com Alessandro Portelli. In: *História & Perspectivas 25/26*. Revista dos Cursos de Graduação e do programa de Pós-Graduação em História da UFU. Uberlândia/MG: EDUFU, 2001/2002, pp. 9-26 e 27-54.

SANTOS, José Vicente dos: *Colonos do vinho; estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1978.

SANTOS, Marina de Souza. *Memórias, trajetórias e viveres: a experiência de ser nordestino (a) em Dourados – MS (1940-2002)*. Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História. UFU, Uberlândia, 2003. (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Patrícia Rodrigues da. *Cotidiano e trabalho. Trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo MG 1970/2000*. Instituto de História/ Programa de Pos-Graduação e História. Uberlândia, UFU, 2001. (Dissertação de Mestrado).

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. Varadouros da Liberdade: cultura e trabalho entre os trabalhadores seringueiros do Acre. In: *Projeto História 16*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, 1998, pp. 221-231.

THOMPSON, E. P. O termo ausente: experiência In: *A miséria da Teoria ou um planetário de erros*. RJ, Zahar, 1981, pp180-201.

_____ Folclore, Antropologia e história social, In: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

_____ “Intervalo: a lógica histórica”, In: *A miséria da Teoria; ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, pp. 47-62.

_____ A formação da classe operária inglesa. Vol 1 e 3, SP, Paz e Terra, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural, In Cardoso, C. F.; VAINFAS (orgs). *Domínios da História*. Rio de Janeiro. Editora Campus, 1997.

VELHO Otavio Guilherme. *Sociedade e agricultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

ANEXOS

Mapa 1: Plano Rodoviário do Município de Uberlândia

Mapa 2: Fazenda Floresta do Lobo

Mapa 3: Espaço Urbano do Distrito de Tapuirama

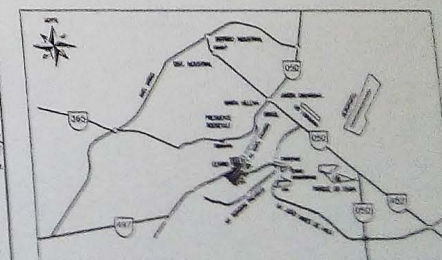


PREFEITURA DE UBERLÂNDIA
CUIDANDO DA CIDADE QUE VOCÊ AMA

LOCALIZAÇÃO FISIOGRAFICA NO ESTADO DE MINAS GERAIS
VITEMA

REGIÕES E CORRESPONDÊNCIA

- I - VETULOGICA E PARTE DAS VERTENTES
- II - SULA
- III - SUL E PARTE DAS VERTENTES
- IV - PARAGUAI E ALTO PARAGUAI
- V - ALTO SUDO PARAGUAI
- VI - PARAGUAI, MONTE CLAROS E RANCHO
- VII - VALLE DEL AGUA
- VIII - RIO TERCERO E MISIONES

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO NA REGIÃO FISIOGRAFICA
MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS - SP

LEGENDAS:

- Distrito Tapuira
- Distrito Mirapiranga
- Distrito Cruzeiro dos Peixes
- Distrito Martinésia
- Uberlândia
- Floresta Lobo

[illegible]

RECEIVED

SISTEMA REGIONAL
MUNICIPAL

